

O banquete



O Melhor Intervalo

FAÇA DESTE, O SEU

Introdução

Platão é de longe o mais proeminente pensador da Grécia antiga de que temos notícia. Para além de sua filosofia, sua arte em manter discursos vivos, organizá-los de modo que nós, os leitores, possamos acompanhar a linha de raciocínio, é um capítulo à parte. Seus escritos nos espantam, provocam, refazem o que entendemos por certo e colocam em xeque muitas de nossas convicções. Acredite, filosofia é isso. Essa é a marca de Platão, um pensador que nos pega pela mão e nos leva pela incrível jornada que os pensamentos percorrem. Quem nunca se viu entretido e sem ver o tempo passar com uma boa conversa?

Neste livro Agatão estava comemorando o sucesso de uma de suas tragédias e decidiu comemorar com um jantar em sua casa. O tema do amor, foi sugerido pelo médico Erixímaco e todos compraram esse tema e passaram, cada um por seu turno, a discorrer acerca do amor, sentimento este que independente da época, do gênero e da condição de vida, parece ser o mesmo.

Tal evento na casa de Agatão, deve ter chamado a atenção em sua época, pois depois de muito tempo, Apolodoro, que não esteve no jantar, conta a um companheiro que estava de viagem como ele a Falero, acerca do que ouviu de Aristodemo sobre o jantar.

Conforme a narrativa acontece, o leitor verá que os elogios que todos fazem ao Amor, ou seja, à influência do deus Eros, à semelhança de garimpeiros quando estão procurando jóias sob a terra, vão compondo as faces de um diamante. Cada face deste diamante é única, que ora se mostra confluyente ao pensamento de todos, ora se mostra contrária - nessa dialética, a síntese ficará com você.

Para além de toda e qualquer interpretação, a presente obra te mostrará como o sentimento do amor pode denunciar nossas inclinações acerca do que é a beleza, a liberdade, a justiça, a vida e a morte, esta última provoca angústia e por isso O Banquete, de Platão, pode ser entendido como uma ode ao existencialismo.

Nunca se esqueça, todas as suas escolhas, inclusive sobre quem ou o que você ama, te trouxe até aqui. Todas as escolhas. Inclusive se você lerá ou não este livro.

Emanuel Dias, T.
Poços de Caldas, 18 de novembro de 2024.

PERSONAGENS

APOLODORO
CONHECIDO
ARISTODEMO
AGATÃO
FEDRO
PAUSÂNIAS
ARISTÓFANES
ERIXÍMACO
ALCEBÍADES
SÓCRATES

A caminho de Falero.

APOLODORO: — “Creio que a respeito do que quereis saber não estou sem preparo. Com efeito, subia eu há pouco à cidade, vindo de minha casa em Falero¹, quando um conhecido atrás de mim avistou-me e de longe me chamou, exclamando em tom de brincadeira.”

CONHECIDO: — “Falerino! Eh, tu, Apolodoro! Não me esperas?”

APOLODORO: — “Parei e esperei. E ele disse-me:”

CONHECIDO: — “Apolodoro, há pouco mesmo eu te procurava, desejando informar-me do encontro de Agatão, Sócrates, Alcibíades, e dos demais que então assistiram ao simpósio, e saber dos seus discursos sobre Eros, deus do amor, e como foram eles. Contou-nos uma outra pessoa que os tinha ouvido de Fênix, o filho de Filipe, e que disse que também tu sabias. Ele porém nada tinha de claro a dizer. Conta-me então, pois és o mais apontado a relatar as palavras do teu companheiro. E antes de tudo, continuou, dize-me se tu mesmo estiveste presente àquele encontro ou não.”

APOLODORO: — “E eu respondi-lhe:”

APOLODORO: — “É muitíssimo provável que nada de claro te contou o teu narrador, se presumes que foi há pouco que se realizou esse encontro de que me falas, de modo a também eu estar presente.”

CONHECIDO: — “Presumo, sim.” Respondeu-me.

APOLODORO: — “De onde, ó Glauco? Não sabes que há muitos anos Agatão não está na terra, e desde que eu frequento Sócrates e tenho o cuidado de cada dia saber o que ele diz ou faz, ainda não se passaram três anos²? Anteriormente, rodando ao acaso e pensando que fazia alguma coisa, eu era mais miserável que qualquer outro, e não menos que tu agora, uma vez que crê ser qualquer outra ocupação preferível do que a da filosofia.”

CONHECIDO: — “Não fiques zombando, mas antes dize-me quando se deu esse encontro.”

¹ Falero (em grego antigo: **Φάληρον**, *Phálēron*; em grego moderno: Φάληρο, Fáliro; latim: Phaleron ou Phalerum) é um porto de Atenas. Até a época em que Temístocles foi arconte, Arconte (em grego: αρχων, transl. arkhon, o responsável por um arkhê, "carga") era o título dos membros de uma assembleia de nobres da Atenas antiga, que se reuniam no arcontado, de Atenas, este era o único porto da cidade-estado.

² Perceba que entre a data do jantar oferecido na casa de Agatão até o relato de Apolodoro a seu companheiro de viagem, passaram-se muitos anos. Aqui vemos a importância da memória na cultura da época.

APOLODORO: — “Quando éramos crianças ainda”, respondi-lhe, “quando Agatão foi premiado pela sua primeira tragédia, na manhã do dia seguinte, quando ele e os coristas³ ofereceram aos deuses o sacrifício pela vitória

CONHECIDO: — “Faz muito tempo então, ao que parece. Mas quem te contou? O próprio Sócrates?”

APOLODORO: — “Não, por Zeus”, respondi-lhe, “mas o que justamente contou a Fênix. Foi um certo Aristodemo⁴, de Cidatenéia, pequeno, sempre descalço. Ele assistira à reunião, admirador de Sócrates ele era, dos mais fervorosos a meu ver. Não deixei, todavia, de interrogar o próprio Sócrates sobre a narração que ouvi de Aristodemo, e este me confirmou o que me contara”

CONHECIDO: — “Por que então não me contaste? Perfeitamente apropriado é o caminho da cidade a que falem e ouçam os que nele transitam.”

APOLODORO: — “E assim é que, enquanto caminhávamos, fazíamos nossa conversa girar sobre isso, de modo que, como disse ao início, não me encontro sem preparo. Se portanto é preciso que também a vós vos conte, devo fazê-lo. Eu, aliás, tirando o proveito que creio ter, falar de filosofia e ouvir acerca dela, alegra-me ao extremo; quando, porém, se trata de outros assuntos, sobretudo dos vossos, de homens ricos e negociantes, a mim mesmo me irrita e de vós me apieda, os meus companheiros, que pensais fazer algo de grande importância, quando nada fazeis. Talvez também vós me consideres infeliz, e creio que é verdade o que presumis; eu, todavia, quanto a vós, não presumo, mas bem sei.”

COMPANHEIRO: — “És sempre o mesmo, Apolodoro! Sempre te estás maldizendo, assim como aos outros; e me pareces que assim sem mais consideras a todos os outros infelizes, salvo Sócrates, e a começar por ti mesmo. Onde é que pegaste este apelido de manso ou louco, não sei eu; pois em tuas conversas és sempre assim, contigo e com os outros esbravejas, exceto com Sócrates.”

APOLODORO: — “Caríssimo, e é assim tão evidente que, pensando desse modo tanto de mim como de ti, estou eu delirando e desatinado?”

COMPANHEIRO: — “Não vale a pena, Apolodoro, brigar por isso agora; ao contrário, o que eu te pedia, não deixes de fazê-lo; conta quais foram os discursos.”

APOLODORO: — “Foram eles, em verdade, mais ou menos assim, mas antes é do começo, conforme me ia contando Aristodemo, que também eu tentarei contar-vos. Disse ele que o encontrara Sócrates, que tinha acabado de banhar-se, estava calçado com as sandálias, o que poucas vezes fazia; perguntou-lhe então onde ia assim tão bonito. Ao que Sócrates respondeu:”

³ Pelo contexto, tratam-se de atores.

⁴ Aristodemo foi um amigo e discípulo de Sócrates.

SÓCRATES: — “Ao jantar em casa de Agatão. Ontem eu o evitei, nas cerimônias da vitória, por medo da multidão; mas concordei em comparecer hoje. E eis por que me embelezei assim, a fim de ir belo à casa de um belo. E tu, disse ele, que tal te dispões a ir sem convite ao jantar?”

ARISTODEMO: — “Farei o que achares melhor.”

SÓCRATES: — “Segue-me, então - continuou Sócrates - e estraguemos o provérbio, alterando-o assim: *“A festins de bravos, bravos vão livremente.”* Ora, Homero parece não só estragar mas até desrespeitar este provérbio; pois tendo feito de Agamenon um homem excepcionalmente bravo na guerra, e de Menelau um “fraco soldado”, no momento em que Agamenon fazia um sacrifício e se banqueteara, ele imaginou Menelau chegado sem convite - “um mais fraco ao festim de um mais bravo⁵”.

APOLODORO: — Ao ouvir isso, Aristodemo respondeu:

ARISTODEMO: — É provável, todavia, ó Sócrates, que não como tu dizes, mas como Homero, eu esteja para ir como um vulgar ao festim de um sábio, sem convite. Vê então, se me levas, o que deves dizer por mim, pois não concordarei em chegar sem convite, mas sim convidado por ti.

SÓCRATES: — Pondo-nos os dois a caminho, decidiremos o que dizer. Avante!

APOLODORO: — Após se entreterem em tais conversas, disse-me Aristodemo, eles partiram. Sócrates então, como que ocupando o seu espírito consigo mesmo, caminhava atrasado, e como o outro se detivesse para aguardá-lo, ele lhe pede que avance. Chegando à casa de Agatão, encontra a porta aberta e aí lhe ocorre um incidente cômico. Pois logo vem-lhe ao encontro, lá de dentro, um dos servos, que o leva onde se reclinavam os outros, e assim ele os encontra no momento de se servirem; logo que o viu, Agatão exclamou:

AGATÃO: — Aristodemo! Em boa hora chegas para jantares conosco! Se vieste por algum outro motivo, deixe para depois, pois ontem eu te procurei para te convidar e não fui capaz de te ver. Mas... e Sócrates, como é que não no-lo trazes?

ARISTODEMO: — Voltando-me então, em parte alguma vejo Sócrates a me seguir; disse-lhe eu então que vinha com Sócrates, por ele convidado ao jantar.

AGATÃO: — Muito bem fizeste, mas onde está esse homem?

ARISTODEMO: — Há pouco ele vinha atrás de mim, eu próprio pergunto espantado onde estaria ele.

⁵ Na *Ilíada* de Homero, “de bravos” () coincide com o nome do poeta Agatão Ἀγάθων. O provérbio de Homero que Sócrates diz estragar é por se subentender de Agatão, e também pelo fato de o próprio Sócrates se qualificar como bravo, indo contra o hábito de sua irônica modéstia.

AGATÃO: — Não vais procurar Sócrates e trazê-lo aqui, menino? E tu, Aristodemo, recliná-te ao lado de Erixímaco.

APOLODORO: — Enquanto o servo lhe faz ablução⁶ para que se ponha à mesa, vem um outro anunciar:

SERVO: — Esse Sócrates retirou-se em frente dos vizinhos e parou; por mais que eu o chame, não quer entrar.

AGATÃO: — É estranho o que dizes; vai chamá-lo! E não o largues!

ARISTODEMO: — Mas não! Deixai-o! É um hábito seu esse: às vezes retira-se onde quer que se encontre, e fica parado. Virá logo porém, segundo creio. Não o incomodeis portanto, mas deixai-o.

AGATÃO: — Pois bem, que assim se faça, se é teu parecer. E vocês, meninos, atendam aos convivas. Vocês bem servem o que lhes apraz, quando ninguém os vigia, o que jamais fiz; agora, portanto, como se também eu fosse por vocês convidado ao jantar, como estes outros, sirvam-nos a fim de que os louvemos.

ARISTODEMO: — Depois disso, puseram-se a jantar, sem que Sócrates entrasse. Agatão muitas vezes manda chamá-lo, mas o amigo não o deixa. Enfim ele chega, sem ter demorado muito como era seu costume, mas exatamente quando estavam no meio da refeição.

AGATÃO: — Aqui, Sócrates! Reclina-te ao meu lado⁷, a fim de que ao teu contato desfrute eu da sábia ideia que te ocorreu em frente de casa. Pois é evidente que a encontrei, e que a tens, pois não terias desistido antes.

APOLODORO: — Sócrates, sentou-se e comentou:

SÓCRATES: — Seria bom, Agatão, se de tal natureza fosse a sabedoria que do mais cheio escorresse ao mais vazio, quando um ao outro nos tocássemos, como a água dos copos que pelo fio de lã escorre do mais cheio ao mais vazio⁸. Se é assim também a sabedoria, muito aprecio reclinar-me ao teu lado, pois creio que de ti serei cumulado com uma vasta e bela sabedoria. A minha seria um tanto ordinária, ou mesmo duvidosa como um sonho, enquanto que a tua é brilhante e muito desenvolvida, ela que de tua mocidade tão intensamente brilhou, tornando-se anteontem manifesta a mais de trinta mil gregos que a testemunharam.

⁶ Limpeza corporal. Podemos entender que seus pés foram limpos para se assentar à mesa com todos.

⁷ Os divãs se dispunham em forma de ferradura. O anfitrião se assenta no extremo esquerdo, de modo que à sua direita o hóspede de honra ficava.

⁸ O fenômeno da capilaridade é a propriedade de um fluido subir ou descer em tubos ou extremidades, contra a força da gravidade ou por indução magnética. Tal fenômeno já era conhecido pela física na época em que viveu Platão.

AGATÃO: — Caças de mim, Sócrates! Quanto a isso, logo mais decidiremos eu e tu da nossa sabedoria, tomando Dioniso por juiz; agora porém, primeiro apronta-te para o jantar.

ARISTODEMO: — Depois disso, reclinou-se Sócrates e jantou como os outros; fizeram então libações⁹ e, depois dos hinos ao deus¹⁰ e dos ritos de costume, voltam-se à bebida. Pausânias então começa a falar mais ou menos assim:

PAUSÂNIAS: — Bem, senhores, qual o modo mais cômodo de bebermos, sem que isso nos transtorne as cabeças. Eu por mim digo-vos que estou muito indisposto com a bebedeira de ontem, e preciso tomar fôlego, e creio que também a maioria dos senhores, pois estáveis lá; vede então de que modo poderíamos beber o mais comodamente possível.

ARISTÓFANES: — É bom o que dizes, Pausânias, que de qualquer modo arranjemos um meio de facilitar a bebida, pois também eu sou dos que ontem nela se afogaram.

ERIXÍMACO¹¹: — Tendes razão! Mas de um de vós ainda preciso ouvir como se sente para resistir à bebida; não é, Agatão?

AGATÃO: — Absolutamente, também eu não me sinto capaz.

ERIXÍMACO: — Uma bela ocasião seria para nós, ao que parece, para mim, para Aristodemo, Fedro e os outros, se vós, os mais capazes de beber, desistis agora; nós, com efeito, somos sempre incapazes; exceto Sócrates, pois ele é capaz de ambas as coisas e se contentará com o que quer que fizermos. Ora, como nenhum dos presentes parece disposto a beber muito vinho, talvez, se a respeito do que é a embriaguez eu dissesse o que ela é, seria menos desagradável. Pois para mim, eis uma evidência que me veio da prática da medicina: é esse um mal terrível para os homens, a embriaguez; e nem eu próprio desejaria beber muito, nem a outro eu o aconselharia, sobretudo a quem está com ressaca da véspera.

FEDRO¹²: — Na verdade eu costumo dar-te atenção, principalmente em tudo que dizes de medicina; e agora, se bem decidirem, também estes o farão.

APOLODORO: — Ouvindo isso, concordaram todos em não passar a reunião embriagados, mas bebendo cada um a seu bel-prazer.

⁹ Libação é o ato de derramar água, vinho, sangue ou outros líquidos com finalidade religiosa ou ritual, em honra a um deus ou divindade.

¹⁰ Neste caso, Dionísio. Dioniso era uma divindade presente na religiosidade dos gregos antigos. Era reconhecido como o deus do vinho, das festas, do teatro e da alegria. Ele estava muito relacionado com a alegria humana durante as festas e com o ato de se embriagar com vinho.

¹¹ Erixímaco, filho de Acúmeno.

¹² Fedro era de *Myrrhinus* (do grego: Muppivoũς), um demo, i. e., um subúrbio da antiga Atenas.

ERIXÍMACO: — Como então, é isso que se decide, beber cada um quanto quiser, sem que nada seja forçado, o que sugiro então é que mandemos embora a flautista que acabou de chegar. Que ela vá flautear para si mesma, se quiser, ou para as mulheres lá dentro, quanto a nós, utilizemos nosso tempo para conversar. Se estiverem de acordo, proporei um tema como pretexto, sobre o qual daremos nossos discursos.

APOLODORO: — Todos então concordaram, e lhes pediu que desse o tema.

ERIXÍMACO: — O exórdio de meu discurso é como a *Melanipa* de Eurípides; pois não é minha, mas aqui de Fedro a história que vou dizer. Fedro, com efeito, frequentemente me diz irritado: Não é estranho, Erixímaco, que para outros deuses haja hinos e odes, feitos pelos poetas, enquanto que a Eros, todavia, um deus tão venerável e tão grande, jamais um só dos poetas que tanto se engrandeceram fez sequer um encômio¹³? Se queres, observa também os bons sofistas: a Hércules e a outros eles compõem louvores em prosa, como o excelente Pródico¹⁴ - e isso é menos de admirar, que eu já me deparei com o livro de um sofista em que o sal recebe um admirável elogio, por sua utilidade; e outras coisas desse tipo em grande número poderiam ser elogiadas; assim, portanto, enquanto em tais ninharias despendem tanto esforço, a Eros, nenhum homem até o dia de hoje teve a coragem de celebrá-lo condignamente, a tal ponto é negligenciado um tão grande deus! Ora, tais palavras parecem que Fedro as diz com razão. Assim, não só eu desejo apresentar-lhe a minha quota e satisfazê-lo, como ao mesmo tempo, parece-me que nos convém, aqui presentes, venerar o deus. Se então também a vós vos parece assim, poderíamos muito bem entreter nosso tempo em discursos; acho que cada um de nós, da esquerda para a direita, deve fazer um discurso de louvor ao Amor, o mais belo que puder, e que Fedro deve começar primeiro, já que está na ponta e é o pai da ideia."

SÓCRATES: — Ninguém contra ti votará, ó Erixímaco. Pois nem certamente me recusaria eu, que afirmo em nada mais ser entendido senão nas questões de amor, nem certamente Agatão e Pausânias, nem tampouco Aristófanes, cuja ocupação é toda em torno de Dioniso e de Afrodite, nem qualquer outro desses que estou vendo aqui. Contudo, não é igual a situação dos que ficamos nos últimos lugares; todavia, se os que estão antes falarem de modo suficiente e belo, bastará. Vamos pois, que em boa sorte comece Fedro e faça o seu elogio a Eros.

APOLODORO: — Estas palavras tiveram a aprovação de todos os outros, que também aderiram às exortações de Sócrates. Sem dúvida, de tudo que cada um

¹³ Fala ou discurso em louvor de alguém; elogio, gabo. Na Grécia antiga, hino religioso de louvor.

¹⁴ Pródico nasceu em Iulis, na ilha de Céos, ignorando-se a data do seu nascimento, embora se aponte para o período entre 470 e 460 a.C.. Sábio e hábil na arte de falar, foi enviado, pela sua terra natal, como embaixador a Atenas, onde foi apreciado pela Assembleia do Povo. Ficou famoso pela parábola "A escolha de Hércules". Em Atenas deu lições e tornou-se conhecido. Além disso, como mestre percorre várias cidades gregas. Pródico talvez tenha sido discípulo de Protágoras e mestre de muitos sofistas, entre eles contam-se Isócrates e, por vezes, Sócrates.

deles disse, nem Aristodemo se lembrava bem, nem por minha vez eu me lembro de tudo o que ele disse; mas o mais importante, e daqueles que me pareceu que valia a pena lembrar, de cada um deles eu vos direi o seu discurso. Primeiramente, tal como agora estou dizendo, disse ele que Fedro começou a falar mais ou menos desse ponto:

Discurso de Fedro

FEDRO: — Eros era um grande deus, digno de ser admirado entre homens e os deuses, por muitos outros títulos e sobretudo por sua origem. Eros tem a honra de figurar entre os deuses mais antigos, e a prova disto é que não tem nem pai e nem mãe, e nenhum prosador e poeta lhe atribui progenitores. Hesíodo¹⁵ afirma que, *primeiro nasceu o Caos,*

*... e só depois
a Terra de largos seios, eterno e seguro fundamento de todas as coisas,
e depois Eros.¹⁶*

Acusilau¹⁷ pensa como Hesíodo¹⁸, para ele foi depois do Caos que a Terra e Eros, isto é, a Terra e o Amor, nasceram. Todavia, Parmênides diz o seguinte, a respeito da origem:

bem antes de todos os deuses pensou em Amor.

Assim, de muitos lados se reconhece que Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens. Não sei eu, com efeito, dizer que haja maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem-amado. Aquilo que, com efeito, deve dirigir toda a vida dos homens, dos que estão prontos a vivê-la nobremente, eis o que nem ser bem nascido pode incutir tão bem, nem as honras, nem a riqueza, nem nada mais, como Eros.

A que é então que me refiro? À vergonha do que é feio e ao apreço do que é belo. Não é com efeito possível, sem isso, nem cidade nem indivíduo produzir grandes e belas obras. Afirmo eu então que todo homem que ama, se fosse descoberto a fazer

¹⁵ Hesíodo foi um poeta oral grego da Antiguidade, geralmente tido como tendo estado em atividade entre 750 e 650 a.C. Sua poesia é a primeira feita na Europa na qual o poeta vê a si mesmo como um tópico, um indivíduo com um papel distinto a desempenhar.

¹⁶ Hesíodo, *Teogonia*, 116 ss.

¹⁷ Acusilau, filho de Cabas ou de Escabras, foi um logógrafo ou mitógrafo grego. Ele é reconhecido entre os Sete Sábios da Grécia por alguns.

¹⁸ Poeta e autor de *Os Trabalhos e os Dias* (ou As Obras e os Dias), a *Teogonia* e *O Escudo de Hércules* (embora exista alguma dúvida a respeito da autoria deste último, tido por alguns estudiosos como sendo do século VI)

um ato vergonhoso, ou a sofrê-lo de outrem sem se defender por covardia, visto pelo pai não se envergonharia tanto, nem pelos amigos nem por ninguém mais, como se fosse visto pelo bem-amado. E isso mesmo é o que também no amado nós notamos, que é sobretudo diante dos amantes que ele se envergonha, quando surpreendido em algum ato vergonhoso. Se por conseguinte algum meio ocorresse de se fazer uma cidade ou uma expedição de amantes e de amados, obteríamos uma constituição insuperável, não haveria melhor maneira de a constituírem senão afastando-se eles de tudo que é feio e porfiando entre si no apreço à honra; e quando lutassem um ao lado do outro, tais soldados venceriam, por poucos que fossem, por assim dizer todos os homens. Pois um homem que está amando, se deixou seu posto ou largou suas armas, aceitaria menos sem dúvida a ideia de ter sido visto pelo amado do que por todos os outros, e a isso preferiria muitas vezes morrer. E quanto a abandonar o amado ou não socorrê-lo em perigo, ninguém há tão ruim que o próprio Eros não o torne inspirado para a virtude, a ponto de ficar ele semelhante ao mais generoso de natureza; e sem mais rodeios, o que disse Homero

“do ardor que a alguns heróis inspira o deus”

,eis o que o Amor dá aos amantes, como um dom emanado de si mesmo. E quanto a morrer por outro, só o consentem os que amam, não apenas os homens, mas também as mulheres. E a esse respeito a filha de Pélias, Alceste, dá aos gregos uma prova cabal em favor dessa afirmativa, ela que foi a única a consentir em morrer pelo marido, embora tivesse este pai e mãe, os quais ela tanto excedeu na afeição do seu amor que os fez aparecer como estranhos ao filho, e parentes apenas de nome; depois de praticar ela esse ato, tão belo pareceu ele não só aos homens mas até aos deuses que, embora muitos tenham feito muitas ações belas, foi a um bem reduzido número que os deuses concederam esta honra de fazer do Hades, a morada dos mortos, subir novamente sua alma, ao passo que a dela eles fizeram subir, admirados do seu gesto; é assim que até os deuses honram ao máximo o zelo e a virtude no amor. A Orfeu, o filho de Eagro, quando ele adentrou no Hades, eles o fizeram voltar sem o seu objetivo, pois foi um espectro o que eles lhe mostraram da mulher a que vinha, e não lha deram, por lhes parecer que ele se acovardava, tocador de cítara que era, e não ousava por seu amor morrer como Alceste, mas maquinava um meio de penetrar vivo no Hades. Foi realmente por isso que lhe fizeram justiça, e determinaram que sua morte ocorresse pelas mulheres; em contrapartida os deuses honraram a Aquiles¹⁹, o filho de Tétis, a quem enviaram às ilhas dos bem-aventurados; Aquiles, informado pela mãe de que morreria se matasse Heitor, enquanto que se o não matasse voltaria à pátria onde morreria velho, teve a coragem de preferir, ao socorrer seu amante Pátroclo e vingá-lo, não apenas morrer por ele mas sucumbir à sua morte; assim é que, admirados a mais

¹⁹ Aquiles (em grego: Ἀχιλλεύς, transl.: *Achilléus*), na mitologia grega, foi um herói da Grécia, um dos participantes da Guerra de Tróia e o protagonista maior guerreiro da *Ilíada*, de Homero.

não poder, os deuses excepcionalmente o honraram, porque em tanta conta ele tinha o amante. Que Ésquilo sem dúvida fala à toa, quando afirma que era Aquiles que amava Pátroclo, ele que era mais belo não somente do que este como evidentemente do que todos os heróis, e ainda nem barba tinha, e além disso muito mais novo, como diz Homero. Mas com efeito, o que realmente mais admiram e honram os deuses é essa virtude que se forma em torno do amor, porém mais ainda admiram-na e apreciam e recompensam quando é o amado que gosta do amante do que quando é este daquele. O amante está mais próximo dos deuses do que o amado, uma vez que é possuído por um deus. Eis por que a Aquiles eles honraram mais do que a Alceste, enviando-o às ilhas dos bem-aventurados. Assim, pois, eu afirmo que Eros, o amor, é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte.

APOLODORO: — De Fedro foi mais ou menos este o discurso que pronunciou, no dizer de Aristodemo; depois de Fedro houve alguns outros de que ele não se lembrava bem, os quais deixou de lado, passando a contar o de Pausânias.

Discurso de Pausânias

PAUSÂNIAS: — Não me parece bela, ó Fedro, a maneira como nos foi proposto o discurso, essa simples prescrição de um elogio ao Eros. Se, com efeito, um fosse o Eros, muito bem estariam nossos discursos; na realidade, porém, Eros não é ele um só; e não sendo um só, é mais acertado primeiro dizer qual o que se deve elogiar. Tentarei, portanto, corrigir este seu equívoco: primeiro dizer qual o Eros que se deve elogiar, depois fazer um elogio digno ao deus.

Todos, com efeito, sabemos que sem o Amor não há Afrodite. Se portanto uma só fosse esta, um só seria o Eros; como porém são duas, é forçoso que dois sejam também os Amores. Quem há que duvide ser duas as deusas? Uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano (o Céu), e a ela é que chamamos de Urânia, a Vênus Celestial; a mais nova, filha de Zeus e Dione, chamamo-la de Pandêmia, a Vênus Popular. É forçoso então que também o Amor, coadjuvante de uma, se chame corretamente Pandêmio, o Popular, e o outro Urânio, o Celestial.

Por conseguinte, é sem dúvida preciso louvar todos os deuses, entretanto, o dom que a um e a outro coube deve-se procurar relatar.

Toda ação, com efeito, é assim que se apresenta: em si mesma, enquanto simplesmente praticada, nem é bela nem feia, nem boa nem má. Por exemplo, o que agora nós fazemos, isto é, beber, cantar, conversar, nada disso em si é belo, mas é na ação, na maneira como é feito, que resulta em tal; se o fizermos, segundo

as regras do honesto e do justo, torna-se belo, se o fizermos contrariamente à justiça e honestidade, torna-se feio. O mesmo podemos afirmar do amor, pois nem todo Eros é em si mesmo belo e louvável, mas se torna belo quando nos incita a amar segundo as regras do belo.

Ora pois, o Amor de Afrodite, a Pandêmia, é realmente popular, desconhece as regras e faz o que lhe ocorre: é a ele que os homens inferiores e vulgares amam. E amam tais pessoas, primeiramente, não menos as mulheres que os jovens, e depois o que neles amam é mais o corpo que a essência, e ainda dos mais desprovidos de inteligência, tendo em mira apenas o efetuar o ato, sem se preocupar se é decentemente ou não. Daí resulta então que eles fazem o que lhes ocorre, tanto o que é bom como o seu contrário. Trata-se com efeito do amor proveniente da deusa que é mais jovem que a outra e que em sua geração participa da fêmea e do macho.

O outro porém é o da Urânia, a Celeste, que primeiramente não participa da fêmea mas só do macho - e é este o amor aos jovens - e depois é a mais velha, isenta de luxúria; daí então é que se voltam ao que é másculo os inspirados deste amor, afeiçoando-se ao que é de natureza mais forte e que tem mais inteligência. E ainda, no próprio amor aos jovens poder-se-iam reconhecer os que estão movidos exclusivamente por esse tipo de amor; não amam eles, com efeito, os meninos, mas os que já começam a ter juízo, o que se dá quando lhes vêm chegando as barbas. Estão dispostos, penso eu, os que começam desse ponto, a amar para acompanhar toda a vida e viver em comum, e não a enganar e, depois de tomar o jovem em sua inocência e ludibriá-lo, partir à procura de outro. Seria preciso haver uma lei proibindo que se amassem as crianças, a fim de que não se perdesse na incerteza tanto esforço; pois é na verdade incerto o destino dos meninos, a que ponto do vício ou da virtude eles chegam em seu corpo e sua alma.

Ora, se os bons amantes a si mesmos se impõem voluntariamente esta lei, devia-se também a estes amantes populares obrigá-los a lei semelhante, assim como, com as mulheres de condição livre²⁰, obrigamo-las na medida do possível a não manter relações amorosas. São estes, com efeito, os que justamente criaram o descrédito, a ponto de alguns ousarem dizer que "é vergonhoso o aquiescer²¹ aos amantes; e assim o dizem porque são estes os que eles consideram, vendo o seu despropósito e desregramento, pois não é sem dúvida quando feito com moderação e norma que um ato, seja qual for, incorreria em justa censura.

²⁰ Ou seja, as mulheres de condição livre que não poderiam ser seduzidas apenas desposadas.

²¹ Aquiescer: agir ou considerar com transigência; condescender, anuir, consentir; "aquiesceu ao pedido do filho"

Aliás, a regra do amor nas demais cidades²² é fácil de entender, pois é simples a sua determinação; aqui em Atenas e na Lacedemônia²³ porém ela é complexa. Na Élide e entre os Boécios, e onde não se saiba falar, simplesmente se estabeleceu que é belo conceder favores aos amantes, e ninguém, jovem ou velho, diria que é feio, a fim de não terem dificuldades, creio eu, em tentativas de persuadir os jovens com a palavra, incapazes que são de falar; na Jônia, porém, e em muitas outras partes é tido como feio, por quantos habitam sob a influência dos bárbaros. Entre os bárbaros, com efeito, por causa das tiranias, é uma coisa feia esse amor, justamente como a filosofia e a ginástica; é que, imagino, não aproveita aos seus governantes que nasçam grandes espíritos entre os governados, nem amizades e associações inabaláveis, o que justamente, mais do que qualquer outra coisa, costuma o amor inspirar. Por experiência aprenderam isto os tiranos desta cidade; pois foi o amor de Aristogiton e a amizade de Harmódio²⁴ que, afirmando-se, destruíram-lhes o poder. Assim, onde se estabeleceu que é feio o conceder favores aos amantes, é por denúncia aos que assim estabeleceram, graças à ambição dos governantes e à covardia dos governados; e onde simplesmente se determinou que é belo, foi em conseqüência da inércia dos que assim estabeleceram.

Aqui, porém, muito mais bela que estas é a norma que se instituiu e, como eu disse, não é fácil de entender. A quem, com efeito, tenha considerado que se diz ser mais belo amar claramente que às ocultas, e sobretudo os mais nobres e os melhores, embora mais feios que outros; que por outro lado o encorajamento dado por todos aos amantes é extraordinário e não como se estivesse a fazer algum ato feio, e se fez ele uma conquista parece belo o seu ato, se não, parece feio; e ainda, que em sua tentativa de conquista deu a lei ao amante a possibilidade de ser louvado na prática de atos extravagantes, os quais se alguém ousasse cometer em vista de qualquer outro objetivo e procurando fazer qualquer outra coisa fora isso, colheria as maiores censuras da filosofia. Pois se, querendo de uma pessoa ou obter dinheiro ou assumir um comando ou conseguir qualquer outro poder, consentisse alguém em fazer justamente o que fazem os amantes para com os amados, fazendo em seus pedidos súplicas e prosternações, e em suas juras protestando deitar-se às portas, e dispondo-se a subserviências a que se não sujeitaria nenhum escravo, seria impedido de agir desse modo, tanto pelos amigos como pelos inimigos, uns incriminando-o de adulação e indignidade, outros admoestando-o e envergonhando-se de tais atos. Ao amante porém que faça tudo isso acresce-lhe a graça, e lhe é dado pela lei que ele o faça sem descrédito, como se estivesse praticando uma ação belíssima; e o mais estranho é que, como diz o povo, quando ele jura, só ele tem o perdão dos deuses se perjurar pois juramento de amor dizem que não é juramento, e assim tanto os deuses como os homens deram toda

²² Cidade para o grego é um Estado, propriamente dito.

²³ É uma unidade regional da Grécia, localizada na região do Peloponeso. Sua capital é a cidade histórica de Esparta.

²⁴ Harmódio e Aristogiton foram dois jovens atenienses que consertaram entre si derrubara tirania de Íprias e Iparco. Harmódio foi morto, imediatamente após o degolamento de Iparco. Aristogiton, tendo denunciado a Íprias, como cúmplices, vários amigos deste, que foram executados, teve o mesmo fim .

liberdade ao amante, como diz a lei daqui - por esse lado então poder-se-ia pensar que se considera inteiramente belo nesta cidade não só o fato de ser amante como também o serem os amados amigos dos amantes. Quando porém, impondo-lhes um aio²⁵, os pais não permitem aos amados que conversem com os amantes, e ao pedagogo é prescrita essa ordem, e ainda os camaradas e amigos injuriam se vêem que tal coisa está ocorrendo, sem que a esses injuriadores detenham os mais velhos ou os censurem por estarem falando sem acerto, depois de por sua vez atentar a tudo isso, poderia alguém julgar ao contrário que se considera muito feio aqui esse modo de agir. O que há, porém é, a meu ver, o seguinte: não é isso uma coisa simples, o que justamente se disse desde o começo, que em si mesmo nem belo nem feio, senão conforme o espírito que o inspira: bom, se animado por belos sentimentos; mau, se motivado por baixos impulsos. Ora, é baixeza fazer concessões amorosas a um ser indigno; é nobre e decentemente quando é a um bom e de um modo bom. A meu ver é mau aquele amante popular, que ama o corpo mais que a alma, tal amor é por natureza inconstante, pois não é ele constante, por amar um objeto que também não é constante, tal a natureza da beleza efêmera do corpo. Com efeito, ao mesmo tempo que cessa o viço do corpo, que era o que ele amava, “alça ele o seu voo”, sem respeito a muitas palavras e promessas feitas. Em um movimento inverso, o amante do caráter, que é bom, é constante por toda a vida, porque se fundiu com o que é constante. Estável e duradouro é o objeto de suas afeições. Ora, são esses dois tipos de amantes que prescrevem nossas leis e costumes, o exame antes do compromisso. Por isso é que uns ela exorta a perseguir e outros a evitar, arbitrando e aferindo qual é porventura o tipo do amante e qual o do amado. Assim é que, por esse motivo, primeiramente o se deixar conquistar é tido como feio, a fim de que possa haver tempo, pois a prova do tempo desfaz as ilusões; e depois o deixar-se conquistar pelo dinheiro e pelo prestígio político é tido como feio, quer a um mau trato nos assustemos sem reagir, quer beneficiados em dinheiro ou em sucesso político não os desprezemos; nenhuma dessas vantagens, com efeito, parece firme ou constante, afora o fato de que delas nem mesmo se pode derivar uma amizade nobre. Um só caminho então resta à nossa norma, se deve o bem-amado decentemente aquiescer ao amante. É com efeito norma entre nós que, assim como para os amantes, quando um deles se presta a qualquer servidão ao amado, não é isso adulação nem um ato censurável, do mesmo modo também só outra única servidão voluntária resta, não sujeita a censura: a que se aceita pela virtude. Na verdade, estabeleceu-se entre nós que, se alguém quer servir a um outro por julgar que por ele se tornará melhor, ou em sabedoria ou em qualquer outra espécie de virtude, também esta voluntária servidão não é feia nem é uma adulação. É preciso então congraçar num mesmo objetivo essas duas normas, a do amor aos jovens e a do amor ao saber e às demais virtudes, se deve dar-se o caso de ser belo o aquiescer o amado ao amante. Quando com efeito ao mesmo porto chegam amante e amado, cada um com a sua

²⁵ Escravo ou pessoa de confiança que cuidava de um menino grego ou romano, educando-o ou disciplinando-o até que ele fosse maior de idade. A tradução de “παιδαγωγός” para “aio” é pertinente.

norma, um servindo ao amado que lhe aquiesce, em tudo que for justo servir, e o outro ajudando ao que o está tornando sábio e bom, em tudo que for justo ajudar, o primeiro em condições de contribuir para a sabedoria e demais virtudes, o segundo em precisão de adquirir para a sua educação e demais competências, só então, quando ao mesmo objetivo convergem essas duas normas, é que coincide ser belo o se entregar à obediência o amado ao amante e em mais nenhuma outra ocasião. Nesse caso, mesmo o ser enganado não é nada feio; em todos os outros casos porém é vergonhoso, quer se seja enganado, quer não. Se alguém com efeito, depois de aquiescer a um amante, na suposição de ser este rico e em vista de sua riqueza, fosse a seguir enganado e não obtivesse vantagens pecuniárias, por se ter revelado pobre o amante, nem por isso seria menos vergonhoso; pois parece tal tipo revelar justamente o que tem de seu, que pelo dinheiro ele serviria em qualquer negócio a qualquer um, e isso não é belo. Pela mesma razão, também se alguém, tendo aquiescido a um amante considerado bom, e para se tornar ele próprio melhor através da amizade do amante, fosse a seguir enganado, revelada a maldade daquele e sua carência de virtude, mesmo assim belo seria o engano; pois também nesse caso parece este ter deixado presente sua própria tendência: pela virtude e por se tornar melhor, a tudo ele se disporia em favor de qualquer um, e isso é ao contrário o mais belo de tudo; assim, em tudo por tudo é belo servir em vista da virtude. Este é o amor da deusa celeste, ele mesmo celeste e de muito valor para a cidade e os cidadãos, porque muito esforço ele constrange a fazer pela virtude tanto ao próprio amante como ao amado; os outros porém são todos da outra deusa, da popular. É essa, ó Fedro, concluiu ele, a contribuição que, como de improviso, eu te apresento sobre o Amor”.

APOLODORO: — Na pausa de Pausânias, pois assim me ensinam os sofistas a falar em termos iguais, disse Aristodemo que devia falar Aristófanes, mas tendo-lhe ocorrido, por empanturramento ou por algum outro motivo, um acesso de soluços, não podia ele falar; mas disse ele ao médico Erixímaco, que se reclinava logo abaixo dele:

ARISTÓFANES: — Ó Erixímaco, és indicado para ou fazer parar o meu soluço ou falar em meu lugar, até que eles acabem. E Erixímaco respondeu-lhe:

ERIXÍMACO: — Farei as duas coisas: falarei em teu lugar e tu, quando acabares com isso, no meu. E enquanto eu estiver falando, vejamos se, retendo tu o fôlego por um tempo, parem teus soluços; senão, gargareje com água. Se ele é muito forte, toma algo com que possas coçar o nariz de modo a provocar espirros; se fizeres isso duas ou três vezes, por mais forte que sejam, eles cessarão.

ARISTÓFANES: — Apressa-te então em fazer seu discurso, quanto a mim, farei tudo o que prescreves.

APOLODORO: — Erixímaco tomou a palavra, e disse:

Discurso de Erixímaco

ERIXÍMACO: — Parece-me em verdade ser necessário, uma vez que Pausânias, apesar de se ter lançado bem ao seu discurso, não o concluiu convenientemente, que eu deva tentar pôr-lhe uma conclusão. Com efeito, quanto a ser duplo o Amor, parece-me que foi uma bela distinção; pela prática da medicina constatei que não está ele apenas nas almas dos homens, e para com os belos jovens, mas também nas outras partes, e para com muitos outros objetos, nos corpos de todos os outros animais, nas plantas da terra e por assim dizer em todos os seres. Grande e admirável é o deus, e a tudo se estende ele, tanto na ordem das coisas humanas como entre as divinas. Ora, eu começarei pela medicina a minha fala, a fim de que também homenageemos a arte²⁶. A natureza dos corpos, com efeito, comporta esse duplo Amor; o sadio e o mórbido são cada um reconhecidamente um estado diverso e dessemelhante, e o dessemelhante deseja e ama o dessemelhante. Um portanto é o amor no que é sadio, e outro no que é enfermo. E então, assim como há pouco Pausânias dizia que aos homens bons é belo ceder às vontades, e aos intemperantes é feio, também nos próprios corpos, aos elementos bons de cada corpo e sadios é belo o aquiescer e se deve, e a isso é que se o nome de medicina, enquanto que aos maus e mórbidos é feio e se deve contrariar, se se vai ser um técnico. É com efeito a medicina, para falar em resumo, a ciência dos fenômenos de amor, próprios ao corpo, no que se refere à repleção e à evacuação, e o que nestes fenômenos reconhece o belo amor e o feio é o melhor médico; igualmente, aquele que faz com que os amores se transformem, de modo a que se adquira um em vez do outro, e que sabe tanto suscitar amor onde não há mas deve haver, como eliminar quando há, este é o médico por excelência. É de fato preciso ser capaz de fazer com que os elementos mais hostis no corpo fiquem amigos e se amem mutuamente. Ora, os mais hostis são os mais opostos, como o frio ao quente, o amargo ao doce, o seco ao úmido, e todas as coisas desse tipo; foi por ter entre elas suscitado amor e concórdia que o nosso ancestral Asclépio²⁷, como dizem estes poetas e eu acredito, constituiu a nossa arte. A medicina portanto, como estou dizendo, é toda ela dirigida nos traços deste deus, assim como também a ginástica e a agricultura; e quanto à música, é a todos evidente, por pouco que se lhe preste atenção, que ela se comporta segundo esses mesmos princípios, como

²⁶ A arte para Erixímaco concorda com a ideia que tinham do que é τέχνη. Indica uma determinada atividade disciplinada e orientada por um corpo de preceitos e princípios. Com isso, entendemos o porquê de a medicina ser considerada uma arte.

²⁷ Ἀσκληπιός, na mitologia grega, é o deus da medicina e da cura. É representado por um bastão que tem em torno de si uma serpente. Semelhante imagem foi usada pelo povo de Israel, no deserto, quando as serpentes atacaram o povo. Na Bíblia, Deus havia recomendado que quem olhasse para a serpente erguida viveria.

provavelmente parece querer dizer Heráclito²⁸, que aliás em sua expressão não é feliz. O um, diz ele com efeito,

*“A unidade, sem se opondo a si mesma,
consigo se põe em acordo,
como por exemplo, o acordo de um arco ou de uma lira.”*

Ora, é grande absurdo dizer que uma harmonia está discordando ou resulta do que ainda está discordando. Mas talvez o que ele queria dizer era o seguinte, que do agudo e do grave, antes discordantes e posteriormente combinados, ela resultou, graças à arte musical. Pois não é sem dúvida do agudo e do grave ainda em discordância que pode resultar a harmonia; a harmonia é consonância, consonância é uma certa combinação — e combinação de discordantes, enquanto discordam, é impossível, e inversamente o que discorda e não combina é impossível harmonizar — assim como também o ritmo, que resulta do rápido e do lento, antes dissociados e depois combinados. A combinação em todos esses casos, é a arte da medicina, que põe em acordo os humores corporais, a música estabelece concórdia da harmonia e do ritmo, suscitando amor e concórdia entre uns e outros; engendrando o amor e a convivência entre os contrários. Aliás, na própria constituição de uma harmonia e de um ritmo não é nada difícil reconhecer os sinais do amor, nem de algum modo há então o duplo amor; quando porém for preciso utilizar para o ser humano uma harmonia ou um ritmo, ou fazendo-os, o que chamam composição, ou usando corretamente da melodia e dos metros já constituídos, o que se chamou educação, então é que é difícil e se requer um artista hábil. Pois de novo revém a mesma idéia, que aos homens moderados, e para que mais moderados se tornem os que ainda não sejam, deve-se aquiescer e conservar o seu amor, que é o belo, o celestial, o Amor da musa Urânia; o outro, o de Polímnia²⁹, é o popular, que com precaução se deve trazer àqueles a quem se traz, a fim de que se colha o seu prazer sem que nenhuma intemperança ele suscite, tal como em nossa arte é uma importante tarefa o servir-se convenientemente dos apetites da arte culinária, de modo a que sem doença se colha o seu prazer. Tanto na música então, como na medicina e em todas as outras artes, humanas e divinas, na medida do possível, deve-se conservar um e outro amor; ambos com efeito nelas se encontram. De fato, até a constituição das estações do ano está repleta desses dois amores, e quando se tomam de um moderado amor um pelo outro os contrários de que há pouco eu falava, o quente e o frio, o seco e o úmido, e adquirem uma harmonia e uma aliança equilibrada, chegam trazendo bonança e saúde aos seres humanos, aos outros animais e às plantas, sem jamais ser prejudicial. Quando porém é o Amor casado com a violência que se torna mais forte nas estações do ano, muitos estragos ele

²⁸ Ἡράκλειτος, foi um filósofo pré-socrático, classificado como sendo da escola Jônica, e considerado o "Pai da dialética". Para ele, "tudo flui" (πάντα ῥεῖ) ou seja, nada dura, nada permanece.

²⁹ Πολύμνια, foi uma das nove musas da mitologia grega, as filhas de Zeus e Mnemósine. Era a musa da poesia sagrada e tinha um ar pensativo. Também era considerada a musa da música, narrativa, geometria, meditação e agricultura.

faz, e ofensas. Tanto as pestes, com efeito, costumam resultar de tais causas, como também muitas e várias doenças nos animais como nas plantas; geadas, granizos e alforras resultam, com efeito, do excesso e da intemperança mútua de tais manifestações do amor, cujo conhecimento nas translações dos astros e nas estações do ano chama-se astronomia. E ainda mais, não só todos os sacrifícios, como também os casos a que preside a arte divinatória — e estes são os que constituem o comércio recíproco dos deuses e dos homens — sobre nada mais versam senão sobre a conservação e a correção do Amor. Toda impiedade, com efeito, costuma advir, se ao Amor moderado não se obedece, nem se lhe tributa honra e respeito em toda ação, e sim ao outro, tanto no tocante aos pais, vivos e mortos, quanto aos deuses. É da arte divinatória vigiar os amores e corrigi-los, porque sabendo discernir os amores dos homens conforme se inclinam a impiedade ou a devoção, estabelece a amizade entre os deuses e os humanos, graças ao conhecimento de todas as manifestações de amor que, entre os homens, se orientam para a justiça divina e a piedade. Assim, múltiplo e grande, ou melhor, universal é o poder que em geral tem todo o Amor, mas aquele que em torno do que é bom se consuma com sabedoria e justiça, entre nós como entre os deuses, é o que tem o máximo poder e toda felicidade nos prepara, pondo-nos em condições de não só entre nós mantermos convívio e amizade, como também com os que são mais poderosos que nós, os deuses. Em conclusão, talvez também eu, louvando o Amor, muita coisa estou deixando de lado, não todavia por minha vontade. Mas se algo omiti, é tua tarefa, ó Aristófanes, completar; ou se um outro modo tens em mente de elogiar o deus, elogia-o, uma vez que o teu soluço já o fizeste cessar.”

APOLODORO: — Tendo então tomado a palavra, continuou Aristodemo, disse Aristófanes:

ARISTÓFANES: — Bem que cessou! Não todavia, é verdade, antes de lhe ter eu aplicado o espirro, a ponto de me admirar que a boa ordem do corpo requeira tais ruídos e comichões como é o espirro; pois logo o soluço parou, quando lhe apliquei o espirro.

ERIXÍMACO: — Meu bom Aristófanes, vê o que fazes. Estás a fazer graça, quando vais falar, e me forças a vigiar o teu discurso, se por-ventura vais dizer algo risível, quando te é permitido falar em paz.

APOLODORO: — Aristófanes, rindo respondeu:

ARISTÓFANES: — Tens razão, Erixímaco! Fique-me o dito pelo não dito. Mas não me vigies, que eu receio, a respeito do que vai ser dito, que seja não engraçado o que vou dizer, pois isso seria proveitoso e próprio da nossa musa, mas ridículo.

ERIXÍMACO: — Pensas escapar-me depois de haver desferido o golpe? Fala como se fosses prestar contas de cada palavra. Mas, se me parecer, deixar-te-ei em paz.

ARISTÓFANES: — Na verdade, Erixímaco, é de outro modo que tenho a intenção de falar, diferente do teu e do de Pausânias.

Discurso de Aristófanes

ARISTÓFANES: — Parece-me que até hoje os homens desconhecaram completamente o poder do Amor. Se o compreendessem, já teriam erigido templos majestosos, construído os mais belos altares e feito grandes sacrifícios em sua honra, como fazem para os demais deuses. Ainda hoje, o Amor, apesar de ser o mais digno dos deuses e o que mais auxilia a humanidade, não recebe as devidas honras. É ele quem cura as almas, sanando os males que nos impedem de alcançar a felicidade suprema. Tentarei, então, dar-vos a conhecer seu poder, para que, por sua vez, vocês o revelem aos outros. Mas, para isso, é necessário que compreendamos primeiro a natureza humana e as mudanças pelas quais ela passou.

Outrora, nossa natureza era distinta da atual, e existiam três gêneros de seres humanos, não apenas dois como hoje. Havia o masculino, o feminino e um terceiro gênero, o andrógino, que combinava os outros dois. Esse gênero, porém, foi extinto e só o nome permanece, em desonra. Os andróginos possuíam formas arredondadas, com um corpo completo e simétrico: tinham costas e flancos circulares, quatro mãos, quatro pernas e dois rostos idênticos em uma única cabeça, voltados para direções opostas. Cada ser possuía quatro orelhas e dois órgãos genitais, podendo caminhar em qualquer direção eretos, como fazemos atualmente, mas também podiam se mover rapidamente girando em círculo, apoiando-se em seus oito membros, à maneira dos que fazem cambalhotas.

A constituição desses três gêneros estava ligada à sua origem: o masculino era descendente do sol, o feminino da terra e o andrógino, que possuía as qualidades de ambos, provinha da lua, que possui tanto aspectos solares quanto terrestres. Assim, como seus progenitores celestes, eles tinham forma circular e movimento giratório. Esses seres eram dotados de força e vigor extraordinários, a ponto de se tornarem presunçosos e ousados. Inspirados pelo mito de Efiltes e Oto, acreditaram que poderiam escalar os céus para desafiar os deuses.

Diante dessa ameaça, Zeus e os demais deuses reuniram-se para decidir como lidar com essa audácia. Matar esses seres, como haviam feito com os gigantes, não era uma opção, pois, ao extingui-los, perderiam os sacrifícios e as honras que a humanidade lhes oferecia. Contudo, também não podiam permitir que continuassem desafiando os deuses impunemente. Após refletir cuidadosamente, Zeus propôs uma solução: enfraquecer esses seres ao dividi-los ao meio. "Dividindo-os", disse

Zeus, "eles se tornarão mais fracos e também mais numerosos, o que será útil para nós. Andarão sobre duas pernas e, se ainda persistirem em sua rebeldia, serão novamente divididos, até que andem sobre uma só perna, saltitando."

Após pronunciar essas palavras, Zeus passou a dividir os homens em dois, como se corta frutas ou secciona ovos com um fio de cabelo. A cada corte, ordenava a Apolo que curasse as feridas e girasse o rosto e a parte frontal de cada metade para o lado do corte, para que, ao contemplar sua própria mutilação, o homem se tornasse mais humilde. Apolo, seguindo as instruções, torcia o rosto e repuxava a pele ao redor, formando uma única abertura no ventre, o que agora chamamos de umbigo. Em seguida, polia as pregas restantes e modelava o peito, usando um instrumento semelhante ao que os sapateiros utilizam para alisar o couro dos sapatos. Deixou algumas rugas ao redor do umbigo, como lembrança da antiga condição e do castigo imposto.

Após essa separação, cada metade passou a desejar intensamente unir-se à outra metade de que fora separada. Ao se encontrarem, enlaçavam-se fortemente, movidas por um desejo ardente de se fundirem novamente. Com frequência, morriam de fome e de inércia, pois não queriam se afastar uma da outra para realizar qualquer atividade. Quando uma das metades morria, a metade sobrevivente buscava outra com quem pudesse se unir, não importando se era a de um homem ou de uma mulher. E assim extinguiu-se a raça.

Movido por compaixão, Zeus (ou Júpiter) concebeu uma solução para a condição humana. Ele reposicionou os órgãos genitais para frente – até então, eles estavam voltados para trás, e a reprodução ocorria na terra, como as cigarras. Com essa mudança, Zeus permitiu que o ato sexual fosse uma união entre macho e fêmea, resultando em procriação e na continuidade da espécie humana. Se a união fosse entre dois homens, ao menos haveria uma satisfação mútua que os permitiria voltar ao trabalho e outras atividades. Esse amor entre semelhantes, plantado nos corações humanos, era uma tentativa de restaurar a unidade primordial e curar a condição de incompletude.

Cada um de nós, portanto, é como uma metade cortada, à semelhança de um linguado dividido ao meio, e busca a sua outra parte. Os homens que descendem do corte andrógino, que continham macho e fêmea, voltam-se para as mulheres, e é deles que provém a maioria dos adúlteros. Da mesma forma, as mulheres de corte andrógino tendem a amar os homens. Já as mulheres que provêm de um corte feminino procuram outras mulheres, enquanto os homens originados de um corte masculino buscam a companhia de outros homens. Estes, desde jovens, sentem-se atraídos pelo sexo masculino e formam os laços mais corajosos e intrépidos, pois não é por despudor, mas por coragem e afinidade natural que se unem a seus semelhantes. Quando amadurecem, esses homens tornam-se politicamente ativos, mas o casamento e a procriação lhes são indiferentes, embora respeitem as leis.

Vivem satisfeitos em estar juntos, em vida de celibato, ligados por um afeto profundo e duradouro.

Quando um desses homens encontra sua outra metade, sentem uma conexão tão intensa que não desejam separar-se nem por um momento. A ligação que compartilham vai além do desejo carnal; é algo mais profundo, uma aspiração da alma que não pode ser expressa em palavras, mas que se revela através de sinais e enigmas.

Se, então, Hefesto surgisse diante deles enquanto estivessem juntos e perguntasse: “O que desejais um do outro?” – e, vendo a hesitação, propusesse: “Desejais ser unidos de tal maneira que jamais vos separeis, vivendo como um só ser, não apenas nesta vida, mas também na morte?” – ambos, sem dúvida, aceitariam, pois isso expressaria o anseio oculto de tornar-se uno com o amado, de fundir suas almas para restaurar a unidade original da sua natureza. Esse desejo pelo reencontro e a fusão com o todo perdido é o que chamamos de amor.

Outrora, éramos um só ser, completo em nossa natureza original. Mas, devido à nossa injustiça, fomos separados pelos deuses, assim como os árcades foram separados dos lacedemônios. Agora, somos apenas metades em busca de nossa outra parte, e é de temer que, caso continuemos a desagradar os deuses, sejamos divididos novamente, condenados a vagar como figuras talhadas de perfil, com o nariz cortado ao meio, como ossos fendidos. Diante dessa possibilidade, é nosso dever exortar todos à piedade para com os deuses, para evitar tal destino e, sob a orientação do Amor, nos esforçarmos para recuperar nossa unidade primordial.

Ninguém deve se opor ao Amor, pois tal oposição é uma ofensa aos deuses. Aqueles que vivem em amizade com o deus Eros e se reconciliam com ele têm a chance de encontrar seu amado, a parte que lhes falta, o que poucos atualmente conseguem. E que Erixímaco, meu amigo, não zombe de minhas palavras, imaginando que me refiro apenas a Pausânias e Agatão, os quais, porventura, já tenham encontrado sua metade e são de natureza masculina. Estou falando de todos nós, homens e mulheres, porque nossa felicidade reside em reencontrar nossa metade e assim retornar à nossa natureza original.

Se essa condição original era a mais perfeita, então o estado que mais se aproxima dela também é o melhor: encontrar um amado que seja conforme ao nosso ser. Glorifiquemos, portanto, o Amor, pois ele nos conduz ao que nos é familiar e nos enche de esperança de que, se formos reverentes para com os deuses, seremos restabelecidos à nossa forma primeira. Ele nos cura e promete uma bem-aventurança plena.

Eis, Erixímaco, o meu discurso sobre o Amor, que certamente difere do teu. Peço-te, contudo, que não faças troça dele, para que possamos ouvir também os demais, Agatão e Sócrates, que ainda não falaram.

ERIXÍMACO: — Cedo, de bom grado, aos teus desejos, pois teu discurso me encantou tanto que, se não soubesse quão prodigiosa é a eloqüência de Sócrates e Agatão, temeria que, depois de tanta riqueza e variedade no que foi dito, eles não tivessem mais nada a acrescentar. Mas, na verdade, ainda espero ouvir muito de ambos.

SÓCRATES: — Falaste muito bem, Erixímaco. No entanto, se estivesses no meu lugar, onde estarei depois que Agatão falar, certamente te sentirias tão inquieto quanto eu agora me sinto.

AGATÃO: — Estás tentando me perturbar, Sócrates, com a ideia de que o público espera que eu fale bem.

SÓCRATES: — Seria eu um desmemoriado se, depois de ver tua ousadia ao subir ao palco com os atores, encarando uma plateia numerosa e recitando imperturbável os teus versos, agora pensasse que ficarias nervoso por causa de nós, tão poucos.

AGATÃO: — Sócrates, não me julgues tão obcecado pelo teatro a ponto de ignorar que, para um espírito discernente, poucos sábios são mais temíveis que uma multidão de ignorantes!

SÓCRATES: — Ai de mim, se pensasse que tu és dessa natureza vulgar! Bem sei que, se estivesses entre aqueles que consideras sábios, dar-lhes-ias mais atenção do que à opinião da multidão. No entanto, não imagines que nós, aqui presentes, somos tais sábios. Somos, na verdade, parte da multidão. Mas, se estivesses em companhia de outros que realmente considerasses sábios, não terias vergonha de cometer algum ato desonroso diante deles?

AGATÃO: — Sim, certamente.

SÓCRATES: — E, diante de uma multidão vulgar, não te envergonharias também de cometer algum ato vergonhoso?

FEDRO: — Amigo Agatão, se continuares a responder a Sócrates, ele se desinteressará totalmente do que estamos fazendo aqui, pois, para ele, basta ter com quem dialogar, especialmente se for alguém belo como tu. Eu, pessoalmente, gosto muito de ouvir Sócrates, mas minha responsabilidade agora é garantir que todos façamos o elogio do Amor, como está combinado. Depois de cumprires tua parte, poderás conversar à vontade com Sócrates.

AGATÃO: — Tens razão, Fedro. Nada me impede de falar, e, de fato, ainda terei muitas oportunidades de conversar com Sócrates. Mas, antes de tudo, deixe-me expor o plano de meu discurso.

Discurso de Agatão

AGATÃO: — Parece-me que todos os oradores anteriores não elogiaram o Amor em sua essência, mas exaltaram os homens que recebem seus benefícios. Contudo, para um verdadeiro elogio, é necessário primeiro compreender a natureza daquele que se pretende louvar e, em seguida, enumerar os dons que ele oferece. Assim, antes de falar dos benefícios do Amor, devemos dizer quem ele é.

Acredito, portanto, que de todos os deuses, o Amor é o mais feliz, o mais belo e o melhor, se me é permitido dizê-lo sem incorrer em desagrado. E ele é o mais belo, primeiramente, por ser o mais jovem. A velhice, que a nós atinge com rapidez, o Amor evita completamente, pois ele a detesta por natureza e jamais se aproxima dela. Em vez disso, ele busca a companhia dos jovens e nela se compraz, seguindo o antigo ditado de que o semelhante atrai o semelhante.

Embora concorde com Fedro em diversos pontos, discordo quando ele afirma que o Amor é anterior a Cronos e Jápeto. Pelo contrário, considero o Amor o mais jovem dos deuses, sempre jovem e delicado. Quanto às disputas entre os deuses, narradas por Hesíodo e Parmênides, penso que elas ocorreram devido à Necessidade e não ao Amor. Se o Amor estivesse presente entre eles, não teríamos visto mutilações, prisões e outras violências, mas sim amizade e paz, como agora ocorre entre os deuses, desde que o Amor reina entre eles.

Além de jovem, o Amor é também extremamente delicado. Faltam-nos, contudo, poetas à altura de Homero para descrever a delicadeza desse deus. Homero afirma que Até, deusa igualmente delicada, possui pés tenros, pois não caminha sobre o solo, mas sobre as cabeças dos homens. Este detalhe revela a delicadeza da deusa, pois ela não toca no que é duro, mas apenas no que é suave. O mesmo argumento pode ser aplicado ao Amor, que não anda pela terra nem sobre cabeças, que não são suaves, mas reside nas partes mais delicadas do universo: os corações e as almas dos deuses e dos homens. E mesmo nessas almas, ele não habita em todas sem distinção, afastando-se das que são duras e rudes, e habitando apenas nas que possuem ternura.

Assim, pelo contato constante com o que há de mais suave, conclui-se que o Amor é o mais jovem e o mais delicado dos deuses. Além dessas qualidades, ele possui uma constituição fluida e sutil, o que lhe permite adaptar-se a tudo e penetrar secretamente em todas as coisas. A graça que lhe é peculiar demonstra a harmonia de sua aparência, pois há um conflito eterno entre o Amor e a feiura. Seu modo de vida entre as flores comprova a frescura de sua tez, pois o Amor não permanece em corpos ou almas desprovidas de frescor e beleza; ele apenas se fixa onde há flores e perfumes.

Sobre a beleza do deus, penso ter abordado o essencial; no entanto, ainda muito resta a ser dito sobre a virtude do Amor. Ele é justo, pois jamais comete ou sofre

injustiça, seja com deuses ou com homens. Não se submete à força, já que a violência e o amor são incompatíveis, e nunca age forçadamente, pois todos obedecem ao Amor de bom grado. Como dizem as leis, rainhas da cidade, é justo o que se concede voluntariamente entre duas vontades que se unem em harmonia.

Além disso, Amor é exemplo de temperança, pois esta virtude implica o domínio sobre prazeres e desejos. Ora, não há prazer maior que o proporcionado por ele, e sendo assim, ele sobrepuja e governa as paixões, mostrando-se, assim, excepcionalmente temperante. Nem mesmo Ares, o deus da guerra, lhe resiste, pois é o Amor quem subjuga Ares, inspirando-lhe paixão por Afrodite. O poder daquele que domina é, portanto, maior que o daquele que é dominado; assim, o Amor é, de fato, o mais corajoso e poderoso.

Abordei já a justiça, a temperança e a coragem desse deus, mas resta-me ainda falar sobre sua sabedoria. Amor é um poeta, o mais sábio dos poetas, tanto que qualquer pessoa, mesmo afastada das Musas, torna-se poeta ao ser tocada por ele. O que prova que ele é, para dizer de modo abrangente, mestre na poesia e na música. Porque ninguém pode transmitir o que não possui, nem ensinar o que desconhece. Quem poderia negar que a existência de todos os seres vivos reflete a sabedoria do Amor, pelo qual se geram e se desenvolvem todas as formas de vida?

Na prática das artes, os que foram instruídos pelo Amor alcançam fama e prestígio, enquanto aqueles que dele não receberam inspiração permanecem na obscuridade. Foi também por meio do Amor que Apolo descobriu a arte do arco, a medicina e a adivinhação, tornando-se assim discípulo do Amor, assim como o foram as Musas nas artes, Hefesto na forja, Atena na tecelagem e Zeus na arte de governar homens e deuses. Com a chegada do Amor, surgiu a harmonia entre os deuses, pois ele reside apenas no belo, enquanto no feio não encontra morada. Antes de sua existência, como disse, os deuses viviam sob o domínio da Necessidade e padeciam muitos conflitos. Com o advento do Amor, o desejo pelo belo trouxe todos os bens de que hoje nos alegramos.

Assim me parece, ó Fedro, que o Amor, em primeiro lugar, é por si só o mais belo e o melhor dos seres e, por isso, torna-se a causa de tantos outros bens para todos. Neste momento, também me ocorre expressar em versos o que o Amor nos proporciona:

*paz entre os homens,
bonança ao mar,
repouso ao vento,
sono àqueles que vivem.*

É ele quem dissipa o sentimento de estranheza, preenchendo-nos com a familiaridade, promovendo encontros e nos unindo em celebrações, festividades, coros e sacrifícios. Ele inspira a suavidade e elimina a rudeza; é generoso no

bem-querer, incapaz de maldade; é bom e propício, admirado pelos sábios e venerado pelos deuses; é cobijado pelos desafortunados e acolhido pelos afortunados; pai do luxo, do requinte, do brilho, das graças e da paixão. Ele cuida do que é bom e despreza o que é mau; nas dificuldades, nos temores, no ardor das paixões e no teor da expressão, ele é piloto, combatente, protetor e supremo salvador. Adorno de todos os deuses e dos homens, guia excelente que todo mortal deve seguir, celebrando-o em belos hinos, e compartilhando do canto que encanta os pensamentos de deuses e humanos.

Assim, ó Fedro, dedico este discurso ao deus Amor, misturando-lhe ora um tom jocoso, ora um tom sério, na medida das minhas forças e inspirações.

APOLODORO: — Depois que Agatão terminou de falar, relatou Aristodemo, todos os presentes o aplaudiram com entusiasmo, reconhecendo que seu discurso fora digno tanto de seu talento quanto da dignidade do deus. Sócrates então olhou para Erixímaco e lhe disse.

SÓCRATES: — Não tinha razão, ó filho de Acúmeno, de temer, adivinhando o que acaba de se passar? Agatão, com seu admirável discurso, me pôs em embaraços.

ERIXÍMACO: — Foste bom profeta, ao prever que Agatão faria um belo discurso, mas erraste ao imaginar que te verias em apuros.

SÓCRATES: — Como não me sentir embaraçado, ó ditoso amigo, e quem deixaria de estar em igual situação, tendo de falar depois de um tão copioso e belo elogio? Todas as partes de seu discurso são admiráveis, mas, sobretudo, a conclusão, pela beleza das palavras e pela elegância das frases, é perfeitamente impressionante. Quem, ao ouvi-la, não ficaria perturbado? Quanto a mim, julgo-me tão incapaz de proferir algo que se lhe compare, mesmo que remotamente, que quase me retirei de vergonha, se ao menos tivesse como fugir.

As palavras de Agatão trouxeram-me à mente o discurso de Górgias, a ponto de sentir o pavor descrito por Homero. Temi que, ao concluir sua fala, Agatão arremessasse sobre o meu discurso a 'cabeça' do temível orador Górgias, transformando-me em pedra e reduzindo-me ao silêncio. Refleti também na tolice de minha promessa em colaborar convosco no elogio ao Amor, como se eu fosse competente para tratar desse tema. Na verdade, sou ignorante em questões amorosas e não saberia louvar o que quer que fosse.

Enganei-me profundamente ao pensar que, em qualquer panegírico, bastava dizer a verdade sobre o objeto louvado, escolhendo suas mais belas qualidades e apresentando-as com a maior elegância possível. Presumia que isso seria suficiente para produzir um elogio excelente, porque acreditava saber o verdadeiro método de discursar. Contudo, ao que parece, tal abordagem está equivocada. O verdadeiro elogio consiste em atribuir ao objeto os mais belos e nobres predicados, sem

considerar se ele os merece ou não, e sem se preocupar com a veracidade. Importa apenas adornar o discurso da forma mais bela possível, quer seja verdade, quer não.

Aparentemente, foi este o acordo tácito: cada um deveria enaltecer o Amor ao seu modo, sem se importar com a verdade ou com o que seria falso. Por isso, nos vossos discursos, tendes atribuído todas as perfeições ao Amor, proclamando-o não só grandioso, mas também a causa de todos os bens, tornando-o o mais belo e melhor dos seres aos olhos dos ignorantes — embora não aos dos sábios.

É uma forma singular e imponente de louvar! Pena que eu a desconhecesse quando prometi contribuir com meu discurso sobre o Amor. Prometi com a língua, mas não com o coração. Portanto, libertem-me desse compromisso, pois não sou capaz de cumprir com ele. Contudo, se vos aprouver, falarei à minha maneira, dizendo a verdade, sem pretensão de rivalizar com vossa eloquência. As palavras fluirão como me ocorrerem, sem maiores cuidados com o arranjo.

APOLODORO: — Fedro, e os demais presentes instaram Sócrates a falar conforme sua inclinação.

SÓCRATES: — Permita-me, então, ó Fedro, fazer umas perguntas a Agatão, para que, com o consentimento dele, eu possa prosseguir.

FEDRO: — Permito. Interroga-o.

APOLODORO: — E Sócrates, erguendo-se, iniciou sua fala.

Discurso de Sócrates

SÓCRATES: — Parece-me, Agatão, que começaste bem o teu discurso, ao dizer que era necessário, primeiro, explicar a natureza do Amor e, só depois, tratar de suas virtudes. Esse exórdio me agrada muito.

Agora que descreveste, com beleza e propriedade, tanto a natureza quanto as virtudes do Amor, gostaria que me respondesses: o Amor é, em si mesmo, amor de algo ou de nada? Para esclarecer, não estou perguntando se o Amor é o amor por um pai ou uma mãe, pois isso seria absurdo. É como se eu te perguntasse, ao falar de um pai: “O pai é pai de alguém ou de ninguém?”. Se quiseres responder bem, dirás que o pai é pai de um filho ou de uma filha, certo?

AGATÃO: — Exatamente.

SÓCRATES: — E o mesmo vale para a mãe, não é?

AGATÃO: — Sim, é verdade.

SÓCRATES: — Permita-me mais uma pergunta, para que compreendas melhor aonde quero chegar. O irmão, enquanto tal, é irmão de alguém ou de ninguém?

AGATÃO: — De alguém, claro.

SÓCRATES: — De um irmão ou de uma irmã, certo?

AGATÃO: — Sem dúvida.

SÓCRATES: — Responde-me, então, a respeito do Amor: o Amor é amor de algo ou de nada?

AGATÃO: — De algo, com certeza.

SÓCRATES: — Muito bem. Agora guarda contigo esta ideia de que o Amor é amor de algo e dize-me: o Amor deseja ou não aquilo que ama?

AGATÃO: — Certamente que sim.

SÓCRATES: — E será que o Amor possui o que deseja e ama, ou ama-o sem possuí-lo?

AGATÃO: — Não é provável que o possua.

SÓCRATES: — Não apenas provável, mas necessário. Pois o que deseja algo deseja justamente aquilo que lhe falta; e o que não carece de algo não pode desejar tal coisa. Não te parece que esta conclusão é inevitável?

AGATÃO: — Sim, parece-me inevitável.

SÓCRATES: — Disseste bem. Pode, por acaso, o grande desejar ser grande, ou o forte desejar a fortaleza?

AGATÃO: — Impossível, como já concordamos.

SÓCRATES: — De fato, não seria carente daquilo que já possui.

AGATÃO: — Isso é verdade.

SÓCRATES: — Pensa então no seguinte: o forte quererá ser forte, o rápido desejará ser rápido, e o saudável almejará ser saudável? Talvez alguém diga que tais pessoas desejam aquilo que já possuem. No entanto, é preciso distinguir: se possuem tais qualidades no momento presente, quer queiram ou não, não podem desejá-las agora. Mas, quando dizem: “Desejo ser saudável, mesmo sendo saudável”, na verdade querem dizer: “Desejo continuar sendo saudável no futuro”. Concordas com isso?

AGATÃO: — Concordo plenamente.

SÓCRATES: — Assim sendo, desejar o que não se possui ou não está garantido é querer conservar, no futuro, aquilo que no presente se tem.

AGATÃO: — Exatamente.

SÓCRATES: — Logo, todo aquele que deseja, deseja o que ainda não possui, o que não é seu e do que é carente. O desejo e o Amor dirigem-se, portanto, ao que não está à mão, ao que se carece, ao que não é o próprio indivíduo. Não é essa a essência do desejo e do Amor?

AGATÃO: — Assim parece.

SÓCRATES: — Perfeitamente, Agatão. Vamos, então, recapitular o que foi dito. Não concordamos que o Amor é, primeiramente, amor de algo, e que ama aquilo de que sente necessidade?

AGATÃO: — Sim, concordamos.

SÓCRATES: — Lembra-te agora do que disseste há pouco sobre o Amor. Se preferires, posso te ajudar a recordar. Ao que me parece, afirmaste que o Amor do belo promove a paz entre os deuses, já que não há amor pelo que é horrível. Não foi isso?

AGATÃO: — Sim, exatamente.

SÓCRATES: — E disseste bem. Portanto, o Amor é amor do belo, não do horrível.

AGATÃO: — Assim é.

SÓCRATES: — Logo, o Amor deseja o belo, mas não o possui.

AGATÃO: — Necessariamente.

SÓCRATES: — Então, o que deseja o belo e de forma alguma o possui, dirias que é belo?

AGATÃO: — Certamente não.

SÓCRATES: — Se é assim, o Amor não é belo. Concordas?

AGATÃO: — Receio que talvez nada do que disse antes faça sentido.

SÓCRATES: — Apesar disso, falaste bem, Agatão. Mas me responde: o bom te parece também belo?

AGATÃO: — Sim, parece-me.

SÓCRATES: — Se o Amor carece do belo, e o belo é também bom, o Amor, então, também carece de bondade.

AGATÃO: — Não consigo te contradizer, Sócrates. Seja como dizes.

SÓCRATES: — Não é difícil contradizer Sócrates, Agatão, mas é impossível contradizer a verdade. Agora, deixo-te e passo a narrar um discurso que ouvi certa vez de uma mulher de Mantinéia chamada Diotima, que era muito sábia em assuntos do amor e de outras coisas. Foi ela quem, por meio de sacrifícios, ajudou os atenienses a afastar uma peste por dez anos. Dela aprendi tudo o que sei sobre o Amor. Vou tentar, da forma mais fiel possível, repetir o que ouvi.

Seguindo a ordem e o método que Diotima usou comigo, primeiro falarei sobre a natureza e os atributos do Amor e, depois, sobre seus feitos. Quando discurssei diante dela, disse quase as mesmas coisas que Agatão me falou agora, afirmando que o Amor era um grande deus e que era amor do belo. E ela, por sua vez, refutou-me usando argumentos semelhantes aos que usei contra Agatão.

Eu perguntei:

— "Então, Diotima, afirmas que o Amor é mau e horrível?"

E ela respondeu:

— "Cuidado com as palavras, Sócrates. Pensas que tudo o que não é belo é necessariamente horrível?"

— "Certamente", disse eu.

— "E acreditas que quem não é sábio é necessariamente ignorante? Não percebes que há algo entre a sabedoria e a ignorância?"

— "O que seria isso?", perguntei.

— "A opinião verdadeira sem justificativa. Não é ciência, pois ciência exige razões. Mas também não é ignorância, pois atinge a verdade. Essa opinião correta ocupa um lugar intermediário entre a sabedoria e a ignorância."

— "Concordo contigo", disse-lhe.

— "Então, não concluas que o que não é belo é horrível, nem que o que não é bom é mau. O Amor, mesmo não sendo belo nem bom, não é, por isso, horrível nem mau. Ele está entre esses extremos."

Eu, intrigado, disse:

— "Mas todos concordam que o Amor é um grande deus."

E ela retrucou:

— "Quem são todos? Aqueles que sabem ou os que não sabem?"

— "Toda a gente, sem distinção alguma."

Diotima sorriu e disse:

– Como poderiam admitir que o Amor é um grande deus, aqueles que nem sequer o reconhecem como divino?

– Quem são esses? – perguntei.

– Tu és um; eu sou outra – respondeu.

– Como assim? – insisti.

– É simples – replicou ela. – Não afirmas que todos os deuses são felizes e belos? Terias a audácia de supor que algum deles não o seja?

– Por Zeus, certamente não!

– E não concordas que os felizes são aqueles que possuem o que é bom e belo?

– Com certeza.

– Mas tu mesmo admitiste que o Amor deseja aquilo de que carece, ou seja, o bom e o belo.

– Reconheço, de fato.

– Então, como poderia ser deus, quem é desprovido de bondade e beleza?

– De modo algum, pelo menos ao que parece.

– Vês agora – continuou ela – que também tu não consideras o Amor um deus?

– O que seria, então, o Amor? – perguntei. – Um mortal?

– De maneira alguma.

– Mas o que é ele, então?

– Algo entre o mortal e o imortal – explicou ela.

– Como assim, Diotima?

– O Amor é um grande gênio, Sócrates. Com efeito, tudo o que é gênio está entre os deuses e os mortais.

– E qual é a função desses gênios? – indaguei.

– São intérpretes e mensageiros entre os deuses e os homens. Levam aos deuses as preces e sacrifícios dos mortais, e trazem destes os preceitos e recompensas

divinas. Preenchem o espaço que separa os homens dos deuses, unindo o Todo a si mesmo. Por meio deles ocorrem tanto a arte divinatória quanto os rituais sacerdotais, os sacrifícios, as iniciações, os encantamentos e toda forma de adivinhação.

Os deuses não se comunicam diretamente com os homens; é através dos gênios que se dá todo o diálogo entre eles, seja durante o sono, seja na vigília. Aqueles que possuem sabedoria nessas questões são chamados de inspirados; os que dominam outras artes ou ofícios, artesãos. Existem muitos gênios e de várias espécies, e o Amor é um deles.

– Quem são os pais do Amor? – perguntei.

– É uma história longa – respondeu ela –, mas eu te contarei. Quando Afrodite nasceu, os deuses celebraram um grande banquete. Entre os presentes estava Poros, o Recurso, filho de Métis, a Prudência. Depois da ceia, Pênia, a Pobreza, apareceu para mendigar. Enquanto isso, Poros, embriagado de néctar – pois o vinho ainda não existia –, adormeceu no jardim de Zeus. Pênia, vendo uma oportunidade em sua miséria, deitou-se ao lado de Poros e concebeu o Amor.

Por ter sido gerado no dia do nascimento de Afrodite, o Amor tornou-se seu companheiro e servo, sendo, por natureza, amante do belo, já que Afrodite é bela. Contudo, por ser filho de Pênia e Poros, o Amor herdou características de ambos.

De sua mãe, Pênia, herdou a pobreza: ele é sempre carente, rude, descalço e sem lar, dormindo ao relento, nas soleiras e ruas. Já de seu pai, Poros, herdou a astúcia: é engenhoso, corajoso, decidido, um caçador implacável do que é bom e belo. É também um filósofo, sempre ávido por sabedoria, e um mago habilidoso.

O Amor não é nem mortal nem imortal. Vive e floresce quando alcança a abundância, mas logo morre e renasce, perpetuamente insatisfeito. Assim, nunca é completamente rico nem totalmente pobre.

Também está entre a sabedoria e a ignorância. Nenhum deus filosofa ou deseja a sabedoria, pois já a possui. Da mesma forma, os ignorantes não buscam a filosofia, pois acreditam, erroneamente, que já são sábios. O Amor, no entanto, é diferente: ele sabe que carece do que é belo e bom, e por isso está sempre a filosofar.

SÓCRATES: — Quem são, pois, os que filosofam, ó Diotima, se não são nem os sábios, nem os ignorantes?

DIOTIMA: — É evidente, até aos olhos de uma criança, que só podem ser os que ocupam uma posição média entre uns e outros. E um destes é o Amor. A sabedoria é uma das mais belas coisas, e o Amor, amando tudo o que é belo, torna-se, por isso, o amante necessário da sabedoria, ocupando, porque é filósofo, posição média entre os ignorantes e os sábios. Tudo isso por nascimento, porque gerado de pai

sábio e rico e de mãe ignorante e indigente. Tal, meu caro Sócrates, a natureza deste gênio.

SÓCRATES: — Quanto ao conceito que fazias do Amor, nada tem em si de inexplicável. Porque tu crias, até onde me é dado conjecturar pelas tuas palavras, que o Amor é o que é amado, e não o que ama. Por isso, penso, o Amor te parecia perfeitamente belo. Mas o que é amável é, de fato, a beleza real, o esplendor, a perfeição, o soberano bem. O que ama é, pelo contrário, de aspecto inteiramente diverso, como acabo de te demonstrar.

DIOTIMA: — Admitamos o raciocínio. Mas, se o Amor é tal como acabaste de expô-lo, qual a sua utilidade aos homens?

SÓCRATES: — É o que ora tentarei explicar-te, Sócrates. Conhecemos as origens e qualidades deste gênio; sabemos que é, como dizes, o amor do belo. Mas suponhamos que nos perguntassem: "Que é, ó Sócrates e Diotima, o amor do belo?" Ou, por outros termos mais claros: "Que é que ama quem ama o belo?"

SÓCRATES: — Possuí-lo.

DIOTIMA: — Essa resposta suscita outra questão: que sucederá ao possuidor do belo?

SÓCRATES: — Não estou, por enquanto, em condição de responder satisfatoriamente à tua pergunta.

DIOTIMA: — Mas, se, trocando o termo belo por bom, eu perguntasse: "Que é que ama quem ama o bom?"

SÓCRATES: — Possuí-lo.

DIOTIMA: — E que sucederá ao que vier a possuí-lo?

SÓCRATES: — Quanto a isso, será mais fácil para mim responder. Respondo, pois, que será feliz.

DIOTIMA: — Perfeitamente. Porque, se os felizes são felizes pela posse do bem, é que o são; e já não é necessário perguntar-te por que é que deseja ser feliz aquele que o deseja: tua resposta me satisfaz plenamente.

SÓCRATES: — Dizes bem.

DIOTIMA: — Mas pensas que este amor e esta vontade sejam comuns a todos os homens, que todos queiram possuir o que é bom? Que me dizes a isto?

SÓCRATES: — Creio que assim é: todos têm, em comum, tal desejo e vontade.

DIOTIMA: — Mas por que, então, não dizemos que todos os homens amam, sendo certo, como é, que todos amam, e sempre, as mesmas coisas? Ou, por outra, por que o dizemos de uns e não de todos?

SÓCRATES: — Essa distinção me confunde.

DIOTIMA: — Não te confundas. É que usamos do termo amor, em sentido genérico, para designar um modo particular de amar, mas empregamos nomes diferentes para exprimir outras maneiras de amar.

SÓCRATES: — Um exemplo?

DIOTIMA: — Como segue, sabes que o termo "poesia" é usado de maneira ampla, pois tudo o que faz com que algo passe do não-ser ao ser é, de certa forma, "poesia". Assim, as criações de todas as artes são "poesias", e todos os seus praticantes são, nesse sentido, poetas.

SÓCRATES: — É verdade o que dizes.

DIOTIMA: — Contudo, sabes que não chamamos "poetas" todos os artistas ou operários, mas a eles damos outros nomes. A palavra "poesia" foi reservada apenas para uma parte, a que se refere à música e à arte dos versos, e somente os que se dedicam a essa arte são chamados poetas.

SÓCRATES: — Também isso é verdade.

DIOTIMA: — O mesmo se aplica ao amor. Em um sentido amplo, ele é o desejo do que é bom e do que nos torna felizes. Este amor é inerente a todos os homens. No entanto, nem todos os que buscam satisfazer esse desejo — como os que buscam riqueza, força ou sabedoria — podem ser chamados de "amantes". Somente aqueles que se dedicam a uma forma particular de amor é que recebem esse nome.

SÓCRATES: — Parece que isso é verdade.

DIOTIMA: — É comum dizer-se que amar é procurar a outra metade de si. No entanto, penso que nem se trata de procurar a metade nem o todo, se ambos não são bons. Tanto assim que, se um homem tem um membro do corpo doente e prejudicial, ele prefere cortá-lo. Em minha opinião, o que amamos não é o que está em nós, mas o que consideramos bom. Como quer que seja, os homens não podem amar senão o que é bom. Que te parece?

SÓCRATES: — Parece-me que sim.

DIOTIMA: — Então, basta dizer que os homens amam o bem?

SÓCRATES: — Sim, é isso.

DIOTIMA: — E não devemos acrescentar que, ao amar, eles desejam possuir o bem?

SÓCRATES: — Sem dúvida.

DIOTIMA: — E não somente a posse, mas a posse perpétua?

SÓCRATES: — Exatamente.

DIOTIMA: — Portanto, o amor é, em essência, o desejo de possuir perpetuamente o bem?

SÓCRATES: — Nada mais verdadeiro.

DIOTIMA: — E então, quando esse desejo de possuir o bem se manifesta de maneira particular, como podemos chamá-lo de amor? O que é essa atividade que é chamada de amor?

SÓCRATES: — Se fosse capaz de responder a isso, não seria admirador de minha sabedoria, nem me procurarias para aprender sobre o amor.

DIOTIMA: — Deixa-me explicar: o amor é, na verdade, um parto em beleza, tanto no corpo quanto na alma.

SÓCRATES: — Isso é uma profecia, e eu não entendo o que estás dizendo.

DIOTIMA: — Vou falar mais claramente, Sócrates. Todos os homens concebem, tanto no corpo quanto na alma, e quando chegam a certa idade, a natureza humana sente o desejo de gerar. Porém, esse desejo só pode se realizar no belo. Da união do homem com a mulher resulta uma criação. É obra divina, porque a geração e o parir garantem a imortalidade a todo ser vivente e sujeito à morte. Tais efeitos só resultam no que é harmônico. O feio é incompatível com o divino, enquanto o belo é adequado a tudo o que é divino. A beleza é, pois, para a geração, semelhante às Moiras (ou ao destino), deusas da concepção, e a Ilítia (ou Lucina), deusa da parturição. Quando o ser gerador se aproxima do belo, ele sente alegria, fica radiante, concebe e gera. No entanto, quando se aproxima do feio, ele se retrai, se entristece, desvia-se e não gera, mas retém com dificuldade o que concebeu. Isso é o que acontece com a concepção: a beleza traz alívio àqueles que estão carregados de algo, enquanto o feio os impede de gerar. Perceba que o impulso de Eros não é, pois, como imagina.

SÓCRATES: — Então, o que amamos não é o belo, como eu pensava?

DIOTIMA: — Não, o amor é pela geração e criação no belo.

SÓCRATES: — Entendido.

DIOTIMA: — E por que o amor é pela geração? Porque a geração é algo mortal, próprio dos seres humanos, mas que busca a imortalidade. E, conforme já discutimos, o amor é o desejo de sempre possuir o bem. Portanto, é lógico que, ao desejar o bem, o homem também deseja a imortalidade.

SÓCRATES: — Tudo isso ela me ensinava, quando sobre as questões de amor discorria, e uma vez ela me perguntou:

DIOTIMA: — Qual, na tua opinião, é a causa desse desejo e desse amor? Não tens notado como todos os animais, tanto os terrestres quanto os voláteis, ficam tão agitados quando desejam reproduzir-se? Eles se esforçam, primeiramente, para acasalar-se, e depois para cuidar da prole. E até os mais fracos enfrentam os mais fortes e se arriscam a morrer para garantir a vida dos filhotes. Com relação aos homens, poderíamos acreditar que a razão os move. Mas e os animais, qual é a causa de sua disposição amorosa? Podes explicar?

SÓCRATES: — De novo eu lhe disse que não sabia, ao que ela me tornou:

DIOTIMA: — E pensas, Sócrates, que algum dia poderás compreender profundamente a ciência do amor, se ignoras estas coisas?

SÓCRATES: — Como já te disse, Diotima, venho até ti justamente porque reconheço minha necessidade de aprender. Explica-me, então, a causa de tudo o que concerne ao amor.

DIOTIMA: — Se acreditas que o objeto do amor é aquilo que tantas vezes já admitimos, então não te surpreendas. Aqui, como dissemos antes, é a natureza mortal que, na medida do possível, busca perpetuar-se e alcançar a imortalidade. Ela faz isso por meio de um processo contínuo de geração, no qual um ser mais jovem substitui o mais velho.

Pois, embora digamos que um indivíduo é sempre o mesmo desde o nascimento até a morte, a verdade é que ele nunca permanece idêntico. O corpo se transforma continuamente: os cabelos, a carne, os ossos, o sangue, tudo se renova e envelhece. E não é apenas o corpo que muda, mas também a alma, com seus hábitos, costumes, desejos, prazeres, temores e opiniões. Esses aspectos surgem e desaparecem, e nada em nós permanece constante.

Mais notável ainda é que isso ocorre até com os conhecimentos. As noções que adquirimos nascem e morrem em nós, de forma que nunca somos os mesmos em relação ao que sabemos. A reflexão, ao trazer de volta algo que foi esquecido, faz surgir uma nova lembrança, substituindo a que se perdeu. Por isso, acreditamos que nosso conhecimento permanece o mesmo, embora esteja constantemente se renovando.

Dessa maneira, Sócrates, tudo o que é mortal se conserva, não porque seja imutável como o divino, mas porque aquilo que envelhece e desaparece deixa em seu lugar um novo ser semelhante ao que foi. É assim que o mortal participa da imortalidade — seja no corpo, seja em outros aspectos.

Essa imortalidade, porém, é de natureza distinta daquela que é divina. Não te admires, portanto, de que cada ser tenha tanto apreço por seus descendentes. É o desejo de imortalidade que inspira a todos esse zelo e amor.

SÓCRATES: — Depois de ouvir suas palavras, tomado de admiração, perguntei-lhe: Será verdade, ó sapientíssima Diotima, que tudo isso se passe dessa maneira? Ela, com a habilidade de um sofista consumado, respondeu:

DIOTIMA: — Não duvides, Sócrates. Aliás, se refletires sobre a ambição dos homens, ficarás impressionado com sua incongruência. Observa como eles se deixam dominar pelo desejo de adquirir renome e preservar, para o futuro, uma glória imortal. Esse anseio é tão poderoso que, muitas vezes, leva-os a enfrentar perigos ainda maiores do que os que enfrentariam por amor aos filhos. Estão dispostos a sacrificar suas fortunas, suportar sofrimentos de toda ordem e, em última instância, a arriscar a própria vida.

Pensas que Alceste teria dado a vida por Admeto, que Aquiles teria sucumbido após a morte de Pátroclo, ou que o vosso Codro³⁰ teria se sacrificado para garantir a realeza a seus filhos, se não acreditassem que a memória de sua virtude seria eterna? Não, Sócrates, de modo algum. É porque buscam uma virtude imortal, um renome que não pereça, que realizam tais feitos. E quanto mais nobres são, maior é seu zelo por esse amor ao imortal.

Assim, aqueles que são fecundos no corpo voltam-se naturalmente para as mulheres, amando-as com o objetivo de procriar e, por meio dos filhos, alcançar a imortalidade, preservando memória e felicidade para as gerações futuras.

No entanto, há outros cuja fecundidade reside na alma, e não no corpo. Esses geram aquilo que é próprio da alma conceber e produzir, como o pensamento, a virtude e as obras do espírito. Entre eles estão os poetas, criadores de belas obras, e os artífices, reconhecidos por suas invenções e genialidade.

Mas a forma mais elevada e bela de pensamento, continuou Diotima, é aquela que se dedica à organização dos negócios da cidade e da família. Ela se manifesta na prudência e na justiça, que são os nomes da verdadeira sabedoria.

³⁰ O último rei de Atenas, que se sacrificou pelo povo, ante a profecia do oráculo de Delfos de que teriam a vitória se o rei morresse pela mão do inimigo.

Quando alguém, desde cedo, traz na alma o germe de virtudes e, ao alcançar a maturidade, sente o desejo de criar e dar à luz, procura em sua volta o belo onde possa gerar. No que é feio, jamais será capaz de fazê-lo. Assim, acolhe os corpos belos mais do que os feios, porque está tomado pelo impulso criador. Se, além disso, encontra uma alma igualmente bela, generosa e bem-dotada, sente-se completamente atraído por essa união.

É ao lado de tal pessoa que discorre sobre a virtude, sobre o que deve ser o homem bom e o que ele deve realizar; em suma, busca educá-lo. Ao entrar em contato com o que é belo e harmonizar-se com isso, aquele que já trazia dentro de si o germe da criação finalmente dá à luz, gerando algo imortal e sublime. Presente ou ausente, ele jamais esquece o objeto de sua afeição, e ambos nutrem, em comum, aquilo que produziram juntos.

Os laços que os unem tornam-se muito mais profundos e duradouros do que qualquer relação baseada em descendência física, pois os filhos que geram em conjunto são mais belos e imortais. Qualquer pessoa, ao refletir, não deixaria de preferir tal posteridade, especialmente ao considerar as criações de Homero, Hesíodo e outros grandes poetas, cuja glória permanece imortal por meio dos descendentes espirituais que deixaram ao mundo.

Também podemos lembrar de Licurgo, cujas leis salvaram Lacedemônia e, de certo modo, toda a Grécia. Ou de Sólon, celebrado entre vocês pelas leis que concebeu. Da mesma forma, muitos outros, tanto entre os gregos quanto entre os bárbaros, são honrados por terem dado origem a grandes obras e virtudes. É em razão de tais "filhos" que se construíram templos em sua homenagem; no entanto, por filhos gerados apenas fisicamente, jamais se ergueram monumentos semelhantes.

Talvez, ó Sócrates, eu tenha conseguido iniciar-te nos mistérios do Amor. Não sei, contudo, se serás capaz de alcançar a contemplação perfeita, que é o grau mais elevado e sagrado dessa iniciação. Tudo o que te disse até agora é apenas uma preparação. Ainda assim, não cessarei meu esforço em instruir-te. Procura seguir-me, se fores capaz.

Deve, com efeito, aquele que corretamente se encaminha a esse fim começar, desde a mocidade, a contemplar os belos corpos. Cumpre-lhe, antes de tudo, se o iniciador o guia pelo caminho conveniente, que ame a um só e, a propósito deste, engendre belos discursos. Em primeiro lugar, se corretamente o dirige o seu dirigente, deve ele amar um só corpo e, então, gerar belos discursos. Deve depois compenetrar-se de que a beleza que se encontra em todo o corpo belo é irmã da que se encontra em qualquer outro. Com efeito, se o belo deve buscar-se no conceito geral que dele formamos, seria tolo duvidar de que toda a beleza corporal seja idêntica e uma em todos os corpos belos, despojar-se de toda paixão violenta que se concentre em um só, votá-la ao desprezo, tê-la em pouco.

Depois, deve compreender que a beleza em qualquer corpo é irmã da que está em qualquer outro e que, se se deve procurar o belo na forma, muita tolice seria não considerar uma só e a mesma a beleza em todos os corpos. Após entender isso, deve ele fazer-se amante de todos os belos corpos e largar esse amor violento de um só, após desprezá-lo e considerá-lo mesquinho.

Deve ainda reputar a beleza da alma como de maior valia que a do corpo. De sorte que uma bela alma, ainda que de poucos atrativos corporais, baste a despertar-lhe amor e solicitude, inspirando-lhe discursos apropriados e tornar melhor a mocidade. Assim, mesmo se alguém de uma alma gentil tenha, todavia, um escasso encanto, contente-se ele, ame e se interesse, e produza e procure discursos tais que tornem melhores os jovens.

Daí será necessariamente levado a considerar a beleza que reside nos costumes e leis; a perceber que esta beleza é sempre análoga a si mesma; e a ter, por isso, em pouco apreço a beleza que é só do corpo. Para que, então, seja obrigado a contemplar o belo nos ofícios e nas leis, e a ver assim que todo ele tem um parentesco comum, e julgue, enfim, de pouca monta o belo no corpo.

Da contemplação das ações passará à das ciências para apreciar a beleza que lhes é peculiar. Depois dos ofícios, é para as ciências que é preciso transportá-lo, a fim de que veja também a beleza das ciências. Olhando para o belo já muito, sem mais amar como um doméstico a beleza individual de um criança, de um homem ou de um só costume, não seja ele, nessa escravidão, miserável e um mesquinho discursador.

Então, tendo já a vista dilatada por uma beleza mais ampla, deixará de ser o escravo humilde e abjeto da afeição servil de um mancebo, de um homem ou de uma modalidade de vida. Mas, transportado para o vasto mar do belo, cheio de admiração, poderá produzir os mais variados e magníficos discursos da filosofia. Voltado ao vasto oceano do belo e, contemplando-o, muitos discursos belos e magníficos ele produza, e reflexões, em inesgotável amor à sabedoria.

Até que, aí robustecido e crescido, contemple ele uma certa ciência única, tal que o seu objeto é o belo seguinte. Até que afinal seu espírito, engrandecido e consolidado, chegará à contemplação única de uma ciência, a ciência do belo.

Esforça-te, pois, ó Sócrates, por me dares aqui toda a atenção de que és capaz. Tenta agora, disse-me ela, prestar-me a máxima atenção possível.

Aquele que, até esse ponto, tiver sido orientado para as coisas do amor, contemplando seguida e corretamente o que é belo, já chegando ao ápice dos graus do amor, deparará, de súbito, com algo de maravilhosamente belo em sua natureza. Aquilo mesmo, ó Sócrates, a que tendiam todas as penas anteriores:

- Beleza incriada, perpétua e imperecível, incapaz de aumento ou diminuição, sem nascer nem perecer, sem crescer nem decrescer;
- Não bela de um jeito e feia de outro, nem ora bela, ora horrível;
- Nem bela em um aspecto e feia em outro; nem bela aqui e feia ali;
- Não bela para uns e feia para outros.

Por outro lado, não aparecer-lhe-á o belo como um rosto ou mãos, nem como algo que o corpo possui, nem como alguma palavra ou ciência. Certamente, não como a existir em algo mais, como, por exemplo, em um animal da terra ou do céu, ou em qualquer outra coisa semelhante.

Ao contrário, aparecer-lhe-á ele mesmo, por si mesmo, consigo mesmo, sempre uniforme, enquanto tudo mais que é belo dele participa. De um modo tal que, enquanto nasce e perece tudo mais que é belo, ele próprio em nada sofre aumento ou diminuição, nem a menor modificação.

Quando, então, alguém, subindo a partir das belezas particulares através de um amor metódico e regular, começa a contemplar aquela beleza perfeita, estará quase atingindo a perfeição dos mistérios do amor. Realmente, o verdadeiro método de se iniciar, ou ser por outrem iniciado, no amor, consiste em proceder da seguinte forma:

- Começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus;
- De um só corpo belo para dois, e de dois para todos os belos corpos;
- Dos belos corpos para os belos ofícios e atividades;
- Das atividades para as belas ciências;
- Até que, das ciências, se chegue à ciência que de nada mais trata senão daquele próprio belo.

Conheça, enfim, o que em si é belo. Esse será o momento em que se atinge a beleza suprema, permanecendo sempre idêntica a si mesma e sendo contemplada em sua verdadeira essência.

Nesse ponto da vida, meu caro Sócrates — continuou a estrangeira de Mantinéia —, se é que em outro mais, poderia o homem viver, a contemplar o próprio belo. Se algum dia o vires, não será como ouro ou como roupas que ele te parecerá ser, ou como os belos jovens adolescentes, cuja vista te aturde, e que fazem com que, como outros muitos, tu fiques disposto a não comer nem beber, se de algum modo fosse possível, mas a só contemplar e estar ao lado deles. O que pensas, então, que aconteceria se alguém pudesse contemplar o próprio belo, nítido, puro, simples, e não repleto de carnes, humanas, de cores e outras muitas ninharias mortais? Se o belo fosse em sua forma única, sem essas misturas de fragilidade humana, como seria?

Porventura, pensas, disse ela, que seria vida vã a de um homem a olhar para essa direção, contemplando aquele objeto, com aquilo com que deve olhar e com ele conviver? Ou não consideras, disse ela, que somente então, quando vir o belo com aquilo com que ele pode ser visto, ocorrer-lhe-á produzir não sombras de virtude, pois não é em sombra que estará tocando, mas reais virtudes, porque estará no real, tocando no próprio verdadeiro?

Sim, caro Sócrates, se para o homem a vida vale a pena de ser vivida, é no momento em que ele contempla a absoluta beleza. Se um dia a vires, o que te parecerão, ao pé dela, o ouro, as vestimentas custosas, os belos mancebos, cuja presença te perturba, a ti como a tantos outros, a ponto de, para com eles viver para sempre, renunciarestes até ao comer e ao beber, pelo único prazer de admirá-los e conversar com eles? O que pensarias de quem fosse contemplar a beleza pura, simples, sem mescla, livre das carnalidades e coloridos humanos, ou de outras frivolidades efêmeras? Estimarias em pouco a vida de um homem que tivesse os olhos arrebatados diante deste espetáculo? Não pensas que esse homem, vendo da beleza tudo o que é visível, será o único capaz de engendrar, não mais imagens de virtude, mas virtudes verdadeiras, pois é à própria verdade que ele se atém? Aquele que conceber a verdadeira virtude e a nutrir será amigo dos deuses; e, se a imortalidade for apanágio de algum homem, um dia ele se tornará imortal.

SÓCRATES: — Tais foram as palavras de Diotima, ó Fedro e demais presentes, que me convenceram, e procuro convencer a outros, de que para alcançar o bem supremo, não há melhor guia que o Amor. Por isso, afirmo que todo homem deve honrar o Amor. Eu próprio o venero e procuro inspirar esse mesmo sentimento nos outros. Celebro e sempre celebrarei, na medida do possível, a força e a virtude do Amor. Chama a este discurso, ó Fedro, o elogio do Amor, se assim te apraz; senão, dá-lhe o nome que preferires.

APOLODORO: — Depois que Sócrates assim falou, enquanto alguns o louvavam, Aristófanes tentava dizer alguma coisa, quando de repente, ouviram-se fortes pancadas à porta de entrada, ao mesmo tempo que soava o tropel de uma multidão de ébrios e foliões, com uma tocadora de flauta a cantar. Agatão disse:

AGATÃO: — Escravos, ide ver quem são esses. Se forem amigos, fazei-os entrar. Se não, dizei-lhes que acabamos de beber e já repousamos.

APOLODORO: — Instantes depois, ouviram no pátio a voz de Alcibíades em grande embriaguez, aos berros: *Levem-me à presença de Agatão! Onde está Agatão!?*

A flautista e mais alguns da comitiva carregaram-no nos braços à nossa sala. Com a cabeça cingida de uma espessa coroa de ervas e violetas e ornada de múltiplas faixas, Alcibíades parou no limiar da porta, produzindo um grande barulho, como de foliões.

ALCEBÍADES: — Saúde, amigos! Um homem em completa embriaguez vós o recebereis como companheiro de bebida, ou devemos partir, tendo apenas coroado Agatão, que a isso é que aqui vimos? Não me foi possível vir ontem; mas aqui estou agora com faixas na cabeça para tirá-las e pô-las na do mais sábio e belo dos homens, se me é permitido repetí-lo. Zombai de minha embriaguez como vos aprouver; sei que minhas palavras são verdadeiras. Mas, enfim, disse-me se posso ou não entrar para beber convosco.

APOLODORO: — De todos os lados bradaram-lhe que podia entrar, aclamando-o. O próprio Agatão o chamou. Alcebíades adiantou-se, levado pelos companheiros. Mas, ocupado em tirar as faixas para coroar Agatão, não viu Sócrates, que se achava perto; e foi sentar-se precisamente entre Agatão e Sócrates, que se afastara um pouco para lhe dar lugar. Apenas sentado, Alcebíades abraçou a Agatão e o coroou de faixas.

AGATÃO: — Escravos, tirai o calçado de Alcibíades para que ele seja o terceiro conosco sobre este leito.

ALCEBÍADES: — Muito bem. Mas quem é o terceiro conviva?

APOLODORO: — Nisto, voltando-se, viu Sócrates e, saltando do leito ao vê-lo, exclamou:

ALCEBÍADES: — Por Hércules! Isso aqui o quê? Tu, ó Sócrates? Espreitando-me de novo aí te deitaste, de súbito aparecendo assim como era teu costume, onde eu menos esperava que haverias de estar? E agora, a que vieste? E ainda por que foi que aqui te recostaste? Pois não foi junto de Aristófanes, ou de qualquer outro que seja ou pretenda ser engraçado, mas junto do mais belo dos que estão aqui dentro que maquinaste te deitar.

SÓCRATES: — Agatão, vê se me defendes! Que o amor deste homem se me tornou um não pequeno problema. Desde que começou a amar-me, não posso mais encarar um belo mancebo ou conversar com ele, sem que a inveja e o ciúme o levem a incríveis excessos, cobrindo-me de afrontas e chegando quase ao extremo de me ferir com os punhos. Vê que ele não pratique aqui alguma violência dessa espécie; reconcilia-nos ou, pelo menos, protege-me, porque o temo, de fato, quando no furor do cúme em que está.

ALCEBÍADES: — Nada de reconciliações por ora. Adio a vingança para outra ocasião. Por hoje, Agatão, basta que me dê algumas de tuas faixas para com elas ornar a frente deste homem admirável. Não que me reproche de não o ter coroado, a ele cujos discursos vencem os de todos os mais, não uma vez, como venceste, mas sempre.

APOLODORO: — Assim falando, Alcibíades arrancou algumas das faixas, atou-as à cabeça de Sócrates e de novo se reclinou em seu leito.

ALCEBÍADES: — Vamos amigos. Vós me pareceis ainda muito sóbrios. Não consinto nisso. Bebamos, que é isso o que foi combinado. Serei eu o rei do vinho, até que todos tenhais assaz bebido. Traze-me uma grande taça, Agatão, se tens. Mas não é preciso. Escravo, dá-me aquele vaso de refrescar o vinho. (Esse vaso tinha mais de dois litros).

APOLODORO: — Alcibíades esvaziou-o, depois fê-lo encher de novo para o dar a Sócrates.

ALCEBÍADES: — Crede-me que não armo aqui uma cilada a Sócrates; porque, ainda quando ele bebesse quanto quisesse, não ficaria menos sóbrio do que ora está.

APOLODORO: — De novo o escravo encheu a taça e Sócrates bebeu-a.

ERIXÍMACO: — Que estamos fazendo, Alcibíades? Vamos continuar a beber, sem cantar, mudos, como bebem os que apenas matam a sede?

ALCEBÍADES: — Eu te saúdo, Erixímaco, excelente filho do mais sábio dos pais.

ERIXÍMACO: — Saúdo-te igualmente. Mas, afinal, que vamos fazer?

ALCEBÍADES: — O que ordenares; porque um médico vale por si só muitos homens. A nós cabe obedecer.

ERIXÍMACO: — Se assim é, escuta-me. Antes de tua chegada, havíamos acordado em fazer o elogio do Amor o melhor que pudéssemos, falando cada qual por seu turno, da esquerda para a direita. Já o fizemos todos. E, pois que tu ainda nada disseste, embora hajas bebido, é justo que ora tomes a palavra. Acabado o teu discurso ordenarás a Sócrates, que diga o que te parecer bem; Sócrates fará o mesmo ao seu vizinho da direita, e assim sucessivamente para todos os outros.

ALCEBÍADES: — Está muito bem tudo que dizes. Mas queres que um embregado porfie em eloquência com gente sóbria e de sangue frio? A partida é desigual. Além disso, acreditas em quanto disse Sócrates, há pouco, sobre meu ciúme? Pois fica sabendo que a verdade é precisamente o contrário de tudo quanto ele afirmou. Se, em sua presença, eu fizer o elogio de quem quer que seja, homem ou deus, ele, Sócrates, é que me virá às mãos.

SÓCRATES: — Começa o teu elogio sob melhores auspícios.

ALCEBÍADES: — Por Poseidon (ou Netuno), não me critiques. Porque não poderei louvar a nenhum outro em tua presença senão a ti.

ERIXÍMACO: — Pois bem, com nossos aplausos, faça, se te apraz, o panegírico de Sócrates.

ALCEBÍADES: — Que dizes? Parece-te necessário, Erixímaco? Queres que me lance contra este homem e o xingue diante de todos?

SÓCRATES: — Que tens em mente, Alcebíades? Me ridicularizar? Explique-me.

ALCEBÍADES: — Dizer a verdade, Sócrates. Consente com isso?

SÓCRATES: — Sem dúvidas! A verdade sim, eu aceito. Melhor: eu exijo.

ALCEBÍADES: — Contudo, faz o seguinte: se eu disser algo inverídico, interrompe-me de pronto, se quiseres, e aponta onde estou me equivocando, pois não pretendo distorcer nada intencionalmente. No entanto, se a lembrança de uma coisa me levar a dizer outra, não te surpreendas. Não é fácil, estando eu neste estado, oferecer uma narrativa precisa e coerente sobre tua singularidade.

Discurso de Alcebíades

ALCEBÍADES: — Para elogiar Sócrates, ó senhores, recorro a comparações. Sócrates talvez pense que é para ridicularizá-lo, mas afirmo que falo com seriedade. Digo, para começar, que ele se assemelha extraordinariamente aos silenos expostos nas oficinas dos escultores, representados com um pife ou uma flauta nas mãos. Quando essas figuras são abertas ao meio, revelam em seu interior estatuetas de deuses.

Também afirmo que Sócrates é muito semelhante ao sátiro Mársias³¹. Quanto ao teu aspecto, Sócrates, não podes negar que há uma semelhança com esses silenos e com Mársias. Contudo, as outras semelhanças vão além, como explicarei agora. Escuta-me. Não és um insolente, um motejador incorrigível? Se o negas, apresentarei testemunhas. Não és também um tocador de flauta? Sim, e um flautista muito superior ao próprio Mársias.

Mársias encantava os homens com as melodias que extraía dos instrumentos. Ainda hoje, quem toca as melodias que Olimpos³² executava transmite a mesma magia, porque essas composições, digo eu, foram ensinadas por Mársias. Essas melodias, divinas em essência, têm o poder de nos inspirar e de revelar aqueles que necessitam das iniciações e dos deuses.

E tu, Sócrates, possuis apenas uma diferença em relação a Mársias: enquanto ele encantava por meio de instrumentos, tu, com palavras simples, sem nenhuma ferramenta, produzes os mesmos efeitos. Quando qualquer outro orador fala, por

³¹ **Mársias** era um sátiro (metade humano, metade bode) da mitologia grega, conhecido por sua habilidade musical. Ele era tão talentoso que chegou a desafiar o próprio deus Apolo, patrono das artes, para uma competição musical.

³² Famoso tocador de flauta.

mais eloquente que seja, não sentimos nada de semelhante. Mas quando te ouvimos discursar, ou até mesmo quando ouvimos outro repetir tuas palavras, mesmo que seja um orador vulgar, somos tomados por um êxtase incontrolável.

Por mim, ó senhores, se não temesse parecer-vos totalmente ébrio, vos contaria sob juramento tudo o que os discursos deste homem me fizeram e ainda me fazem sentir. Quando o escuto, sinto meu coração saltar como os coribantes em seus transportes de loucura, e lágrimas escorrem de meus olhos, tamanha é a emoção provocada por suas palavras.

Não sou o único a sentir isso; muitos outros também experimentam as mesmas sensações. Quando ouço Péricles ou outros grandes oradores, reconheço sua eloquência, mas não sinto nada comparável. Minha alma permanece serena, sem qualquer perturbação. No entanto, ao ouvir Sócrates, minha alma se agita profundamente e, muitas vezes, a vida que levo me parece intolerável. E isso, Sócrates, não podes negar. Mesmo agora, sei que, se me dispusesse a ouvir-te, não resistiria; seria tomado pelos mesmos sentimentos, enlevado pela força de tuas palavras.

Este homem me faz confessar que não devo viver como vivo, negligenciando as necessidades de minha alma para me ocupar com os interesses dos atenienses. Sou forçado a admitir que, embora deficiente em muitos aspectos, ainda assim descuido de mim mesmo e trato dos negócios de Atenas. A custo, como quem foge das sereias, tapo os ouvidos e fujo de sua presença, para não ficar chumbado a seus pés pelo resto de meus dias. Só ao pé deste homem experimento um sentimento que todos julgariam impossível em mim: o da vergonha. Sim, é somente diante dele que me acontece corar.

Quando ele me fala, sinto que nada tenho a opor aos seus conselhos e que não posso negar a razão de suas palavras. Contudo, ao me afastar, cedo novamente às atrações da vida pública e do apreço em que me tem o povo. Fujo dele e evito-o, mas, ao revê-lo, sinto vergonha por não ter cumprido o que prometi. Muitas vezes chego a desejar, com certo alívio, que ele desaparecesse de entre os vivos. No entanto, se tal coisa acontecesse, bem sei que minha dor seria muito maior. Não sei, portanto, como me comportar diante dele. Tal é o poder que suas palavras — as árias de sua flauta — exercem sobre mim e sobre muitos outros.

Ouvi-me, então, como ele é semelhante àqueles a quem o comparei e quão prodigiosas são as qualidades que o distinguem. Sabei que ninguém o conhece realmente, mas, já que tomei esta tarefa para mim, revelarei quem ele é. Estais vendo como Sócrates, em sua aparência, é cativo da companhia dos jovens belos, sempre ao redor deles, como quem ignora tudo e nada sabe. Não são estas, acaso, as atitudes de um sileno? Sem dúvida. Ele se reveste externamente como o sileno esculpido, com simplicidade e aparente ignorância.

Porém, se abrirmos o interior desta figura, que magnífica sabedoria encontraremos! Crede que nem mesmo a beleza dos corpos lhe importa, pois a despreza de maneira inimaginável. Também não faz caso algum da riqueza, nem de qualquer outra vantagem que o vulgo cobiça. A todos esses bens ele considera sem valor, assim como nos considera a nós mesmos. Por isso, ele passa a vida ironizando e brincando com os homens, rindo de nossa vã busca por essas coisas.

Quando Sócrates se abre e fala seriamente, não sei se outros já tiveram a oportunidade de enxergar os tesouros de beleza que ele guarda em si, ocultos. Eu, contudo, já os vi, e tão preciosos e deslumbrantes me pareceram, tão soberanamente prodigiosos e belos, que se tornou impossível resistir a ele. Imaginando, em meu íntimo, que a flor de minha juventude o atraía, considerei-me agraciado pela fortuna, pois, em troca de minha proximidade e concessões, Sócrates me transmitiria toda a sua sabedoria. Envaidecia-me, portanto, de minha mocidade, cuja beleza eu acreditava ser extraordinária.

Com essa ideia em mente, dispensei o companheiro que costumava me acompanhar e procurei ficar a sós com Sócrates. Aqui, é necessário que eu lhes diga toda a verdade: ouçam com atenção, e Sócrates que me repreenda se minto. Assim, estando inteiramente sozinho com ele, pensei que não tardaria a tratar comigo como um amante costuma fazer com o amado na solidão, e me rejubilava com essa expectativa. Porém, nada disso aconteceu. Sócrates entreteve-se em conversar comigo durante todo o dia, como de costume, e, ao final, retirou-se.

Frustrado nessa tentativa, convidei-o a exercitar-se comigo em atividades físicas, pensando que, por meio desse contato mais próximo, conseguiria alcançar meu propósito. Lutamos muitas vezes, apenas nós dois, sem testemunhas. Mas que devo dizer? Também por esse meio nada consegui. Não obtendo êxito, resolvi ser mais ousado e lançar mão de todos os recursos, sem desistir, para descobrir o que se passava. Assim, convidei-o para cear comigo, como um amante que arma uma cilada ao amado. A princípio, Sócrates recusou, mas, com o tempo, acabou cedendo aos meus convites.

Na primeira vez em que veio, assim que terminou a refeição, quis ir embora, e apenas a vergonha me impediu de retê-lo. Persisti, entretanto, e armei-lhe nova cilada. Após a ceia, prolonguei a conversa pela noite adentro, sem interrupções. Quando ele se preparou para partir, fiz-lhe notar que já era tarde demais e o convenci a permanecer. Sócrates deitou-se, então, em um leito próximo ao meu, no mesmo aposento, e não havia ali mais ninguém além de nós dois.

Até aqui, meu relato pode ser repetido a qualquer pessoa. Contudo, o que vem a seguir não deveria ser dito, não fosse o provérbio que afirma que o vinho e as crianças dizem a verdade. Além disso, parece-me injusto omitir, ao elogiar Sócrates, um traço tão admirável de seu caráter. E, ainda, o estado em que me encontro é semelhante ao daqueles que foram mordidos por uma víbora: dizem que esses só

se sentem à vontade para falar de sua experiência com outros que também foram picados, por serem os únicos capazes de compreender e perdoar tudo o que foi dito ou feito sob o efeito da dor.

Eu, que fui mordido por algo ainda mais doloroso e em um ponto ainda mais sensível — o coração, a alma, ou seja qual for o nome que se lhe dê —, fui atingido pelos discursos filosóficos, que são mais cruéis e penetrantes que os dentes de uma víbora. Quando se alojam em um jovem de espírito promissor, esses discursos o levam a fazer e dizer as coisas mais audaciosas. E vendo, além disso, que Fedro, Agatão, Erixímaco, Pausânias, Aristodemo, Aristófanes — e o próprio Sócrates, é claro —, todos igualmente tocados pelo delírio e pelo furor da filosofia, sinto-me à vontade para concluir minha narrativa, certo de que vós me perdoareis pelos atos de outrora e pelas palavras de agora. Quanto a vós, servos e demais homens incultos e profanos, rogo que fecheis vossos ouvidos com as portas mais pesadas.

Como, com efeito, senhores, a lâmpada se apagara e os servos estavam fora, decidi que não devia fazer nenhum floreado com ele, mas, francamente, dizer-lhe o que eu pensava; e assim o interpelei, depois de sacudi-lo:

— Sócrates, estás dormindo?

— Absolutamente — respondeu-me.

— Sabes então qual é a minha decisão?

— Qual é exatamente? — tornou-me.

— Tu me pareces — disse-lhe eu — ser um amante digno de mim, o único, e te mostras hesitante em declarar-me. Eu, porém, é assim que me sinto: inteiramente estúpido. Eu acho que não te aquiescer não só nisso como também em algum caso em que precisasses ou de minha fortuna ou dos meus amigos. A mim, com efeito, nada me é mais digno de respeito do que o tornar-me eu o melhor possível, e, para isso, creio que nenhum auxiliar me é mais importante do que tu. Assim é que eu, a um tal homem, recusando meus favores, muito mais me envergonharia diante da gente ajuizada do que se os concedesse diante da multidão irrefletida.

E este homem, depois de ouvir-me, com a perfeita ironia que é bem sua e do seu hábito, retrucou-me:

— Caro Alcibíades, é bem provável que realmente não sejas um vulgar, se chega a ser verdade o que dizes a meu respeito, e se há em mim algum poder pelo qual tu te poderias tornar melhor. Sim, uma irresistível beleza verias em mim, e totalmente diferente da formosura que há em ti. Se, então, ao contemplá-la, tentas compartilhá-la comigo e trocar beleza por beleza, não é em pouco que pensas me levar vantagens, mas, ao contrário, em lugar da aparência, é a realidade do que é belo que tentas adquirir. Realmente é “ouro por cobre” que pensas trocar. No

entanto, ditoso amigo, examina melhor; não te passe despercebido que nada sou. Em verdade, a visão do pensamento começa a enxergar com agudeza quando a dos olhos tende a perder sua força; tu, porém, estás ainda longe disso.

E eu, depois de ouvi-lo:

— Quanto ao que é de minha parte, eis aí; nada do que está dito é diferente do que penso. Tu, porém, decide de acordo com o que julgares ser o melhor para ti e para mim.

— Bem — respondeu ele —, nisso sim, tens razão; daqui por diante, com efeito, decidiremos fazer, a respeito disso como do mais, o que a nós dois nos parecer melhor.

Trocadas estas palavras, julguei que a cilada que eu lhe havia armado me permitia o último avanço. Levantando-me, sem lhe dar tempo de dizer uma palavra, envolto neste manto que ora trago, porque era inverno, fui estender-me sob a velha capa deste homem. Enlaçando então os braços neste ser verdadeiramente maravilhoso e divinal, a seu lado passei a noite inteira.

Nem também isso, ó Sócrates, irás dizer que estou falseando. Ora, não obstante tais esforços meus, tanto mais este homem cresceu e desprezou minha juventude, ludibriou-a, insultou-a e justamente naquilo em que eu pensava ser alguma coisa, senhores juízes — sois, com efeito, juízes da sobranceria de Sócrates. Pois fiquei sabendo, pelos deuses e pelas deusas, quando me levantei com Sócrates, foi após um sono em nada mais extraordinário do que se eu tivesse dormido com meu pai ou um irmão mais velho.

Bem podeis imaginar quais deveriam ser, de então para cá, meus sentimentos para com Sócrates. Por um lado, via-me desprezado; por outro, admirava-lhe o caráter, a temperança e a energia da vontade, convencido de que não encontraria rivais deste homem em sabedoria e domínio de si mesmo. Assim pensando e sentindo, nem me irritava contra ele, nem podia arrancar-me de sua companhia, nem tampouco seduzi-lo. Sabia-o tão invulnerável ao ouro como Ajax o era, de todos os pontos, contra o ferro, e sentia-o fugir-me ao único dardo com que procurara feri-lo. Desorientado, sem saber o que fazer, errando às cegas, sentia-me mais escravizado a este homem do que qualquer escravo a seu dono. Tais haviam sido nossas primeiras relações.

Tempos depois, tivemos de fazer juntos a expedição de Potidéia³³, onde fomos companheiros de mesa. Lá, antes de tudo, ele nos levava de vencida, a mim e a todos os camaradas de armas, pela resistência às fadigas. Quando, cortadas as comunicações, nos acontecia, como é frequente na guerra, faltarem os alimentos,

³³ Potidéia, uma cidade da Macedônia, onde uma revolta contra os gregos causou a guerra do Peloponeso.

ninguém como ele para suportar corajosamente todas as privações. Se, ao contrário, reinava a abundância, não havia como igualá-lo na maneira de fruí-la. Sem ser, de ordinário, inclinado a beber, se era forçado a fazê-lo, adiantava-se a perder de vista de todos os bebedores. E coisa ainda mais admirável: ninguém jamais o viu embriagado. E disto, se não me engano, tereis daqui a pouco a confirmação.

Quanto à capacidade de resistir aos rigores do inverno — terrível naquela região —, era positivamente um prodígio. Nas horas de maior geada, quando nenhum guerreiro se atrevia a sair, ou, se saía, encapava-se, agasalhava-se, com os pés envoltos em feltros e peles de carneiro, Sócrates partia, com a mesma capa com que estava, pés nus sobre os gelos, marchando mais à vontade do que os que iam bem calçados. E tudo isso com tamanha desenvoltura que os soldados, cuidando-se afrontados por ele, o olhavam de má catadura. Tal era Sócrates na campanha de Potidéia.

Mas, Sócrates, *coisas ainda maiores suportou e praticou, este guerreiro audaz*³⁴. Fez e suportou, na mesma expedição e merece ser relatado. Certa vez, entregando-se à meditação, ele permaneceu em pé, imóvel, desde o romper da aurora, refletindo sobre um mesmo assunto. Como não encontrava a solução para o problema, não se aborreceu e continuou na mesma posição, absorto em seus pensamentos. Já era meio-dia, e os soldados, que o observavam, espantados, comentaram entre si: "Desde a madrugada ele está de pé, ocupado em suas reflexões!" Ao anoitecer, depois da refeição, alguns soldados, já cansados e desejosos de descansar, conduziram seus leitos para o local onde Sócrates estava. Queriam verificar se ele passaria a noite inteira na mesma atitude. E, de fato, ele permaneceu de pé até o romper da aurora, quando, então, fez uma prece ao sol nascente antes de se afastar.

Quanto aos combates, a justiça me impõe relatar mais um feito de coragem. Na batalha pela qual fui condecorado pelos generais, se escapei com vida, devo minha salvação a Sócrates, que, ao me ver ferido, não me abandonou e ainda conseguiu me retirar do campo de batalha, juntamente com minhas armas, antes que o inimigo as tomasse. Insisti com os generais para que lhe concedessem as honras da bravura, como não poderia deixar de ser, mas, quando os generais, por deferência ao meu posto, decidiram conferir a insígnia a mim, Sócrates, mais solícito que os próprios generais, fez questão que fosse eu, e não ele, quem a recebesse.

E, por fim, meus amigos, é impossível não admirar a conduta de Sócrates durante a retirada em Delio³⁵. Eu estava a cavalo, e ele marchava como hóplita³⁶, a pé. Quando nossos homens haviam debandado, vi Sócrates marchando com calma ao

³⁴ Frase de Helena, a Ulisses, na Odisséia de Homero.

³⁵ A Batalha de Délio aconteceu durante a guerra do Peloponeso no princípio do inverno de 424 a.C.

³⁶ O hóplita era o principal soldado grego da antiguidade. Sua armadura era composta de elmo, couraça (peito de armas), escudo e perneira.

lado de Laques. Aproximei-me deles e, ao vê-los, exortei-os à coragem, prometendo que não os abandonaria. Foi nesse momento que pude observar Sócrates em ação. Embora meu perigo fosse menor, por estar a cavalo, notei que ele demonstrava um domínio de si ainda maior do que o de Laques. Além disso, como Aristófanes bem diria, ele se movia com um porte soberbo e olhar de através, examinando com calma tanto os amigos quanto os inimigos, deixando claro, mesmo à distância, que estava pronto para se defender vigorosamente, caso alguém ousasse atacá-lo. Por essa razão, ele e Laques³⁷ conseguiram retirar-se em segurança. Em momentos como aquele, homens com disposições intrépidas, como Sócrates, raramente são atacados; ao contrário, aqueles que demonstram medo e fuga, sim, são os que acabam sendo perseguidos.

Há, sem dúvida, muitas outras virtudes que poderiam ser louvadas em Sócrates, qualidades admiráveis em diversos aspectos. Contudo, em comparação com as atividades comuns, talvez fosse possível encontrar outras figuras humanas que se aproximassem dele. O que, no entanto, é mais impressionante e digno de destaque é que, em sua essência, Sócrates não se assemelha a ninguém, seja entre os antigos, seja entre os modernos. Por exemplo, Aquiles poderia ser comparado a Brasidas³⁸, ou Péricles a Nestor ou Antenor, mas não se encontra paralelo com Sócrates entre os homens.

Sua pessoa e seus discursos são desconcertantes e únicos. Não se pode encontrar um igual, quer entre os modernos, quer entre os antigos, a menos que, como estou propondo, se compare Sócrates não a um homem, mas aos silenos e sátiros. De fato, ele possui essa natureza singular e extraordinária.

Na verdade, houve um ponto que deixei de mencionar anteriormente: os discursos de Sócrates assemelham-se aos silenos que se entreabrem. Quando alguém ouve seus discursos pela primeira vez, parece que ele apenas diz coisas ridículas. Suas palavras e frases, revestidas com a aparência grosseira, como a pele de um sátiro insolente, falam sobre asnos de carga, ferreiros, sapateiros e curtidores de peles. Ele parece repetir sempre as mesmas ideias com as mesmas palavras, a ponto de qualquer ignorante ou tolo zombar de seus discursos. Contudo, quem se dispuser a penetrar no cerne de suas palavras descobrirá, de imediato, que são, na verdade, os discursos mais profundos e racionais. Perceberá que neles reside uma inteligência única, além de serem, sem dúvida, de origem divina, repletos das mais nobres imagens de virtude e abordando a maior variedade de assuntos. Esses discursos orientam, ou melhor, orientam tudo aquilo que deve ser levado em consideração por quem deseja ser um cidadão distinto e honrado.

Eis, pois, senhores, o que tenho a louvar e a censurar em Sócrates. Juntamente aos elogios, expus também os ultrajes que ele me fez. E crede-me, não foi apenas a

³⁷ Um general de Atenas.

³⁸ Brasidas, guerreiro de Esparta, lutou na guerra do Peloponeso.

mim que ele tratou dessa forma. Fez o mesmo com Cármides, filho de Glauco, com Eutidemo, filho de Díocles, e com muitos outros, enganando-os ao fingir ser o amante, quando, na verdade, ele é quem se coloca na posição de ser amado, e não de amante.

Por isso, te advirto, ó Agatão, não te deixes enganar por este homem. Que minha experiência sirva de lição para que te preserves e não sigas o exemplo do insensato do provérbio, que "só aprende depois de sofrer".

Após as palavras de Alcibíades, todos riram pela sua franqueza, que dava a impressão de ele ainda estar apaixonado por Sócrates. Sócrates, então, disse-lhe:

SÓCRATES: — Parece-me, ó Alcibíades, que hoje estás completamente sóbrio; de outra forma, não terias falado com tanta astúcia, tentando ocultar o verdadeiro motivo que te levou a dizer tantas coisas belas, deixando o ponto central apenas ao final. O único alvo de tuas palavras foi semear a discórdia entre mim e Agatão, sugerindo que eu devo te amar e a ninguém mais, e que Agatão deve ser amado somente por ti. Mas teu artifício não passou despercebido! Todos sabemos ao que visam essas tuas histórias de sátiros e silenos. Assim, meu caro Agatão, sigamos de maneira que não possas mais separar-nos.

AGATÃO: — De fato, Sócrates, é muito provável que estejas certo. A prova disso é que, ao se deitar entre mim e ti, Alcibíades claramente quis nos afastar um do outro. Mas nada mais conseguirá, pois agora me reclino ao teu lado.

SÓCRATES: — Muito bem, reclina-te aqui, logo abaixo de mim.

ALCEBÍADES: — Ó Zeus, que tratamento ainda me dá esse homem! Ele acha que deve sempre levar a melhor sobre mim. Mas, pelo menos, permite que Agatão se acomode entre nós.

SÓCRATES: — Impossível! Pois, se me elogiaste, agora é minha vez de elogiar o que está à minha direita. Se Agatão se deitar à minha esquerda, certamente ele me fará um elogio antes que eu tenha o devidos de elogiá-lo. Não te intrometas, ó divino Alcibíades, e não invejes o elogio que desejo fazer a este jovem.

AGATÃO: — Não, não, Alcibíades, não há maneira de eu ficar aqui; ao contrário, mudarei de lugar para ser elogiado por Sócrates.

ALCEBÍADES: — Eis aqui a cena de sempre: onde quer que esteja Sócrates, é impossível a qualquer outro conquistar os belos! Veja agora como ele facilmente encontra uma desculpa para persuadir Agatão a se deitar ao seu lado.

APOLODORO: — Agatão estava prestes a levantar-se para deitar-se ao lado de Sócrates, quando, de repente, uma alegre multidão de foliões, chegando à porta no momento em que alguém a abria, entrou apressadamente e se acomodou nos

leitos. Instaurou-se grande desordem e tumulto, e todos foram forçados a beber em demasia.

Aristodemo relatou que Erixímaco, Fedro e alguns outros retiraram-se e seguiram para casa. Ele, porém, não resistiu ao sono e dormiu profundamente, pois as noites estavam longas naquela estação. Acordou ao amanhecer, quando o canto do galo soou, e, ao abrir os olhos, percebeu que os demais convivas ou ainda dormiam ou já haviam partido. Agatão, Aristófanes e Sócrates eram os únicos ainda acordados, bebendo de uma grande taça que passavam da esquerda para a direita. Sócrates conversava com eles.

Aristodemo não conseguiu lembrar-se dos detalhes da conversa, pois havia adormecido no início do diálogo. Porém, resumiu que Sócrates os levou a admitir que o mesmo homem pode ser tanto um poeta cômico quanto um trágico, e que aquele que possui a arte de escrever tragédias também deve ser capaz de escrever comédia com a mesma habilidade.

Concordando com isso, embora já com dificuldade de acompanhar a conversa, eles começaram a cochilar. Aristófanes foi o primeiro a adormecer, seguido por Agatão, quando já clareava o dia. Vendo-os adormecidos, Sócrates se levantou, acomodou-os e partiu. Aristodemo, como de costume, acompanhou-o. Chegaram ao Liceu³⁹, onde Sócrates se banhou e passou o dia como de costume. À tarde, retornou para casa para descansar.

³⁹ Haviam três em Atenas.